O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 9 DE DEZEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:322

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A dissolução.—Antes da dissolução —Depois da dissolução.—Partido progressista.—O partido progressista em Braga.—Commissão regional de agricultura d'Aveiro.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—As nossas finanças.—Patria!—A exposição de arte Bordallo Pinheiro.—Idyllio real.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A dissolução

Estão dissolvidas as camaras.

Assim o quiz o sr. ministro do reino, que nos provoca a um supremo esforço de lucta pelos principios da moralidade ultrajada, e o throno, que se divorcia do povo e que se declara em guerra contra o paiz.

Não lhes bastavam já os crimes eleitoraes do anno proximo findo. Não lhes bastavam os assassinatos officiaes que ensanguentaram a lucta d'esse tempo! Era preciso affrontar de novo a constituição, para se levarem de assalto todos os foros d'um povo livre. Era preciso esmagar assim as liberdades publicas, para se provocar essa tremenda revolução a que o sr. ministro do reino nos desafia para o campo de todas as violencias e de todas as paixões.

Está praticado o delicto; está consumado o crime.

Fazendo desaparecer a derradeira nota de respeito pelos principios liberaes e pondo em prova a paciencia do paiz, não pensou decerto a corôa em que commettia um gravissimo attentado constitucional.

Affrontando a lei fundamental do reino, que era toda a garantia da nossa independencia, esqueceu o throno todos os perigos e todas as difficuldades que atravessamos, para se lembrar apenas de cobrir as ambições do sr. ministro do reino, com uma provocação ao brio do povo portuguez, que ha de saber responder com energia á rudeza do ataque e á grosseria do insulto.

Não se lembraram os dictadores de que reptavam os espiritos fortes e serenos a essa terrivel campanha clandestina, que ha-de pôr em lucta o paiz contra as prepotencias da conspiração palacina. Não! Romperam abertamente com a liberdade, investindo contra as garantias populares.

Não lhes importou sahir da legalidade constitucional para esquecer todos os assignalados serviços d'um partido ao throno e ao paiz. Não! Iniciaram de novo a criminosa aventura das perseguições politicas, da suspensão das garantias, do desvario governativo, da insania, da cupidez e do crime.

Mas não é um acto do rei e do ministro do reino, que pode derrogar assim o principio fundamental da nossa constituição politica. O decreto da dissolução é um documento illegal, attentatorio da Liberdade e da Constituição. Reaja-se contra elle. A' dictadura do despotismo, imponha-se a dictadura do direito. A' reacção contra a legalidade, imponha-se a legalidade da reacção.

Revoltamo-nos abertamente contra essa manifestação d'um poder, que abusa assim da sua auctoridade e da sua força. O manto do rei, não pode cobrir todos os ataques á liberdade e ás garantias constitucionaes.

Se a corôa se julgou desligada dos seus deveres para com o povo, liberte-se tambem o povo dos seus para com ella.

Não se esmagam assim impunemente os direitos e as franquias populares. O magestoso edificio da Liberdade, erguido sobre os cadaveres de tantos martyres que lhe dedicaram a vida e todas as fulgurantes aspirações do seu espirito, não pode assim abalar-se pelos alicerces.

Os que affrontam a opinião e calcam os seus deveres em holocausto a vaidades ridiculas e a pretenções audaciosas, apressam a sua queda e auxiliam o desprestigio d'um systema porque um povo se sacrificou heroecamente, com toda a sua mais generosa e mais vehemente abnegação.

Os que apertam na malha d'um decreto repressivo a expressão do sentimento publico, divorciam-se do paiz por uma forma irreconciliavel, e engrossam as fileiras dos adversarios intransigentes das instituições.

Foi ultrajada a Liberdade e com ella suspensas as garantias.

Para nós o caminho está traçado: resistencia clara e franca ao abuso do poder, rebellião positiva contra o acto prepotente, que affronta a nossa dignidade e que esmaga os nossos direitos.

Antes da dissolução

Antes d'esse enormissimo attentado, o *Correio da Noute* escrevia;

1846-1893

Não ha duvida. Os ministros tripudiam. Desde que associaram á sua empreza louca e temeraria o chefe do estado, já não ha quem os detenha no declive fatal em que se precipitaram. Suppozeram e continuam a suppôr a nação um cadaver, e por isso são ousados e valentes. O grande argumento, o estafado e injurioso argumento, é o da indifferença publica, é a proclamação da impotencia do paiz para resistir aos desmandos governativos, ás provocações do poder. Conhecemol-os bem. Se pressentissem que uma companhia de soldados se indisciplinava, obedeciam logo á intimação das casernas. Não proseguiam na tentativa criminosa, recuavam e submettiam-se.

Na emboscada de 6 de outubro houve uma certa grandeza, que falta aos conspiradores de 1893. Uma rainha varonil revolucionou-se contra o paiz, porque erradamente suppôz o paiz revolucionado contra o seu throno, que aliás respeitava, e para defeza do qual derramara o seu sangue.

A virtuosa e heroica rainha confundira o seu throno, e os principios que elle representava, com o bando de cortezãos que faziam do paço real um foco de conspirações permanentes. Contra estes é que o paiz se insurgia. A resolução do paço fez a guerra civil. A resistencia foi legitima, e a legalidade estava no municipio do Porto, de onde saiu o primeiro grito patriotico contra a conspiração palaciana.

A embuscada de 1893 é sem merito e sem grandega. Se não encerra um plano tenebroso, um projecto de cesarismo, que faria sorrir, se não é uma provocação á guerra civil, é uma conspiração de loucos, uma zombaria á pobreza, á crise angustiosa e afflictiva, que assoberba o paiz. E' por ventura uma experiencia, a ultima experiencia de que Portugal é com effeito o paiz cadaver que não póde já resuscitar para as luctas grandiosas, para as resistencias legitimas. Mas então faça-se esta liquidação de vez e para sempre. Não haja illusões.

Ameaçam-nos de que a attitude do partido progressista será uma voz no deserto, e que só terá o merito d'affastal-o do poder. Talvez assim seja. Se a ambição do mando fosse o nosso norte, se a conquista das pastas fosse a nossa ambição, teriamos certamente caminho mais curto a seguir. Bem o sabemos. Mas a conjunctura não é para disputas de mando, para dar assaltos ao poder. A conjunctura é de verdadeiro perigo nacional. E é isso que torna o procedimento do governo um attentado sem exemplo, uma provocação que attinge os limites do delirio. O que seria, n'outro tempo, uma aventura infantil, é hoje um crime nacional. Se a nossa voz clama no deserto, ver-se-ha em breve. Nem por isso nos deixaremos tomar de desfallecimentos. Cumpriremos o nosso dever até ao fim. Bem quizeramos convencer-nos de que o attentado, que agora se premedita, é um facto isolado. Não é. O partido regenerador desde 1890 não tem feito senão comprometter a corôa, aconselhando-a a sair da constituição, que é o vinculo legal que a prende ao paiz. O partido regenerador suppõe que o juramento de fidelidade á constituição é uma palavra vã, e que o prejurio politico é uma virtude contanto que reverta em proveito do seu engrandecimento. Triste illusão.

Depois da dissolução

O acto que o governo acaba de praticar, tomou as proporções d'um attentado constitucional. A imprensa da capital, os jornaes mais importantes que alli se publicam ferem-o de morte. Como exemplo tomamos do *Commercio de Portugal* e do *Jornal do Commercio*, o segundo dos quaes ninguem se atreverá a alcunhar de progressista, os artigos que em seguida publicamos. Para lhe dar cabida retiramos uma grande parte da materia destinada a este logar, mas a sua importancia é tal que não podemos deixar de os transcrever. Callamo-nos por conseguinte para deixar fallar collegas tão distinctos:

«Como hontem previamos, praticou-se o grande erro, consummou-se o grande attentado! A dissolução está decretada!

O conselho d'Estado reuniu, deram a sua opinião todos os conselheiros presentes, deu-a por escripto um que não comparecera por estar enfermo, e, com exclusão do voto do sr. presidente do conselho, que por ser o auctor da proposta não deve ser tomado em conta, dos restantes nove conselheiros presentes, oito condemnaram o acto treslouçado do governo, e ainda d'esses nove, um votou incondicionalmente pela dissolução, quatro votaram por ella, pela força das circumstancias, e quatro foram abertamente contra, por a considerarem injustificada e origem de grandes males publicos.

Assim, esmiuçadas bem as cousas como se passaram e reflectindo na explicação do voto dado, teremos de concluir que dos nove conselheros que El-Rei hontem ouviu, só um foi favoravel á idéa da dissolução e oito condemnaram-a como precipitada, absurda, extraordinaria, deploravel e impopular até! Houve quem, com os melhores desejos de ser agradavel ao governo, prestasse a mais religiosa attenção á justificação que o sr. Hintze Ribeiro fez da sua proposta, e confessasse depois com a maior lealdade, que não conseguira alcançar os motivos reaes que a fundamentavam!

O governo, porém, é que não se importou com palavras, e das conclusões dos discursos que lhe foram desfavoraveis, só lhe deu cuidado a parte que lhe aproveitava para a realisação do seu pensamento de atacar a Constituição do Estado e de lançar o paiz em uma conflagração geral. N'essa corrente de ideias, sommou com o voto incondicional os quatro votos precedidos das mais severas censuras á sua incoherencia e á sua ambição desprezou o voto escripto e cantou victoria pela grande maioria de um voto, visto que quatro votos, como já dissémos, lhe foram inteiramente contrarios.

El-Rei decidiu pelos seus ministros e assignou o decreto de dissolução, que *era scritto*, ainda antes do Conselho de Estado se reunir. Ignora-se, porém, se a Corôa cedeu ás instancias do governo, por lhe parecer que a dissolução era um acto acertado, sensato e patriotico, ou se por entender que entre a demissão do gabinete e a dissolução da camara lhe parecia advirem menos inconvenientes para a causa publica optando pela dissolução, que foi como acabaram quatro dos acres censores da proposta ministerial.

Seja como fôr, a dissolução está decretada, e o governo sahiu do Conselho de Estado coberto de gloria e... a escorrer em sangue!

Segundo as versões que correm, o unico conselheiro d'Estado que votou incondicionalmente a favor da dissolução, com o solido e originalissimo argumento de que as camaras é que devem ter a confiança dos governos e não são os governos que devem ter a confiança das camaras, foi o sr. Antonio de Serpa. Fallou a favor e votou a favor, raro exemplo de coherencia n'estes tempos que vão correndo, nobilissimo rasgo de generosidade politica que destroe pela base o que por ahi se disse de restaurações da guarda velha da regeneração.

Os quatro conselheiros que condemnaram a dissolução, mas que entendem que entre dois males, isto é, mandar os srs. ministros para casa, ou incommodar, agitar e alvoroçar um paiz inteiro, é preferivel o segundo mal, ou, melhor, o unico mal, foram os srs.: conde de Valbom, Barjona de Freitas, Barbosa du Bocage e conde de Ficalho.

Os quatro conselheiros que fallaram contra e votaram contra, foram os srs.: conde de Cazal Ribeiro, João Chrisostomo, José Luciano e Barros Gomes. Finalmente, o conselheiro que não compareceu por estar doente e enviou o seu voto por escripto contra a dissolução, foi o sr. conde de S. Januario. Assim terminou uma campanha, que começou por um capricho e acabou por um acinte; que foi por muito tempo uma aspiração ridicula e uma ideia extravagante, em que ninguem quiz accreditar e que é hoje um acto grave e uma resolução cheia de responsabilidades da Corôa, a que todo o paiz tem de obedecer!

Os partidos militantes sabem o que lhes cumpre n'este momento solemne. O governo provocou-os á guerra, quebrando treguas e chamando-os á liça. Só covardes ou vendidos poderão recuar deante das suas ameaças!

Do que vae acontecer só o governo é responsavel; só elle ha de prestar contas do mau conselho que deu a El-Rei e do grande mal que vae fazer ao paiz. O caminho da opposição está traçado e foi o governo que o lançou n'elle. Pela patria e pela liberdade, seja o grito dos que vão combater por uma e por outra, contra os seus mais declarados e mais perigosos inimigos!

Alea jacta est! A pedra está lançada; só Deus sabe onde ella irá cahir!»

(*Commercio de Portugal.*)

*

«*Consummatum est!*

Não sabemos se ha gongorismo no emprego d'este latim golgothico, mas afigura-se-nos que a Corôa fez hoje á Constituição do Estado o que os judeus fizeram a Nosso Senhor Jesus Christo, e que a ephemeridade, que ha de definir o dia de hoje na historia politica da nação, é a da *Crucificação da Carta Constitucional!* Não será exactamente assim, e outros pretenderão que o Rei é que foi crucificado pelos seus ministros. Desejariamos poder acredital-o, mas, como não seria possivel fazel-o, sem pôr em duvida a propria personalidade moral e intellectual do supremo magistrado da nação, não nos é licito aceitar que o seu acto seja um producto de inconsciencia pessoal ou de coacção politica.

El-Rei procedeu livre e conscientemente, embora menos ponderadamente, na plena posse do seu livre arbitrio, e não pode já agora recusar a responsabilidade do grande erro que commetteu, erro irreparavel, porque, acima do Poder Moderador, nada existe na Constituição.

Foi o primeiro acto importante que, no seu curto reinado, El-Rei D. Carlos teve de praticar com cunho pessoal, visto haver sobre elle uma espectativa publica resultante do seu governo ter trazido para o debate a resolução que elle era chamado a tomar, e por tal forma, que em todos se enraizou a convicção de que, contra os mais expressos preceitos da Carta, o Rei havia já de antemão concedido a dissolução da camara, não só a favor de um governo, mas até de um partido. Fomos os unicos que nos recusamos até final—e com a nossa ingenuidade nos honramos—a acreditar que a Corôa commetteria tão grave erro, como o de se fazer arauto de guerra, por parte de um partido, para destruir o accordo de paz feito na politica, com o fim de neutralizar o seu influxo inevitavel nos grandes problemas administrativos que nos assoberbam. Das competencias partidarias se tinham originado grande numero dos males que nos affligem, e todos tinham entendido que era necessaria uma tregua nacional. Pois bem! E' a Corôa, a primeira obrigada, por conveniencia propria e sobretudo por dever publico, a manter o justo equilibrio politico que, de lança em riste, á frente dos seus ministros, investe contra a paz e ordena que de novo se formem os batalhões do facciosismo partidario, que de novo se desencadeiem as paixões e que se volte sem mais demora á vida politica que todos haviam reconhecido tão nefasta. Que fazer?

Manda quem pode, e, portanto, é obedecer! As violencias recomeçarão, a desordem augmentará na administração publica e na opinião e os melhores tempos da corrupção eleitoral vão de novo resurgir. E, no entretanto, lá fora o nosso descredito augmentará, as vergonhas accumular-se-hão sobre nós, sem protesto de ninguem, perdendo-se successivamente tudo, sem que o Rei de Portugal possa, afim, dizer, como Francisco I em Pavia, que alguma coisa tivesse resalvado.

Não, isto é um medonho desmoronamento de tudo, e a propria entidade que Rodrigues Sampaio dizia ser a unica que ainda em Portugal tinha força, essa mesma acaba de dar o primeiro golpe no seu suicidio, porque é bem de vêr que tudo que se vae, em materia de desordem publica, prender a esse triste e escandaloso decreto de dissolução que ámanhã será publicado, é da clara responsabilidade do unico que a podia ter evitado. Bem sabemos que muitos acharão violenta esta linguagem e talvez menos monarchica! Pois não é! Não é violenta, porque não representa, creiam-no, a decima parte do que nos acode ao bico da penna, tanto julgamos lamentavel o acontecimento de hoje. E não é antimonarchica, porque, além de que, quem na presente conjunctura saiu para fóra da constituição e despresou os seus claros preceitos não fomos nós, é certo que a nenhum monarchico constitucional pode ser exigido que seja mais monarchico do que aquelles proprios que consubstanciam em si a monarchia. Sem ambages, porque a nossa penna é livre e desambiciosa, censuramos o Poder Moderador, que reputamos haver commettido um gravissimo erro, que, se ha de ser pago por elle, tambem o ha de ser por nós todos, e o que, suppomos, dá algum direito a que cada qual se queixe.

Entendeu elle, é possivel, que, saltando por cima da Carta, fazia bem, e longe de nós a idéa de que tivesse sido pela satisfação de mal fazer que assim tivesse procedido.

Mas a verdade, e que é necessario dizer sem espirito de malevolencia, mas com o mais absoluto desassombro, é que Sua Magestade, em que todos reconhecem intelligencia e bondade, vive demasiadamente afastado da intimidade dos negocios publicos, e lhe é assim facil ser induzido em erro por ministros menos escrupulosos.

Sua Magestade é moço, e ninguem lhe deve levar a mal que pague o natural tributo da mocidade aos recreios em que se compraz. Mas na situação que o paiz atravessa é indispensavel tambem que reconheça a tempo, que os encargos da Corôa são effectivos e não podem transformar-se em sinecura, dando o Rei procuração aos seus ministros para reinarem por elle. Isto pensamos, isto dizemos e muito monarchicamente!

(*Jornal do Commercio.*)

El-Rei responde a tudo isto esquecendo o seu dever de monarcha, e pensando apenas nas caçadas em que o seu espirito se recreia e se deleita. Pois não faz bem, e um futuro proximo, muito proximo, lh'o provará.

Partido Progressista

AOS NOSSOS CORRELIGIONARIOS

São prevenidos todos os centros do partido progressista, para que designem os seus delegados á assembléa geral do partido que se deve reunir em Lisboa, se fôr decretada a dissolução da camara dos deputados. Os delegados devem ir auctorisados a resolverem sobre todas as questões, que interessem á existencia e attitude do partido, na grave conjunctura que o paiz atravessa. O dia da reunião será opportunamente designado.

O PARTIDO PROGRESSISTA EM BRAGA

A reunião do partido progressista que alli se verificou hontem, esteve concorridissima. Presidiu o sr. Macedo Chaves. Houve discussão energica, condemnando a dissolução e atacando o governo os srs. conego Vaz, Ferreira de Magalhães, Soares Junior e presidente.

Conferido um voto de confiança á commissão popular para nomear delegados afim de representarem o partido na assembleia geral. A reunião concluiu enthusiasticamente, soltando-se repetidos vivas ao partido progressista, ao sr. conselheiro José Luciano, Macedo Chaves, Ferreira de Magalhães e conego Vaz.

Commissão regional de aquicultura d'Aveiro

Como dissémos, no gabinete do ex.mo governador civil d'este districto e em virtude da convocação por s. ex.a ordenada, compareceram na quarta-feira ultima os membros d'esta commissão, nomeada por decreto de 6 de novembro de 1893, os srs. dr. Abel da Silva Ribeiro, dr. Edmundo de Magalhães Machado, Francisco da Fonseca Regalla, official d'armada; José Maria de Mello Mattos, chefe da secção hydraulica d'Aveiro; Manuel Lopes d'Almeida, agronomo do districto de Aveiro, e Egberto de Magalhães Mesquita, chefe da secção florestal; faltando por motivo justificado os srs. dr. Jayme de Magalhães Lima, presidente da camara municipal, e Firmino de Vilhena, redactor d'este jornal.

Aberta a sessão e em virtude do mesmo decreto acima referido, ficou esta commissão constituida sob a presidencia do ex.mo governador civil, servindo de secretario o chefe da secção florestal, e em seguida declarou o sr. presidente que o motivo d'ella era a installação da commissão, dando-se desde logo começo aos trabalhos.

Pelo vogal o sr. Mello Mattos foi proposto que, antes de se resolver sobre os assumptos scientificos, economicos e policiaes de que está encarregada, peça esta commissão que se lhe designe com a maior precisão, nos termos do decreto de 25 de maio do anno corrente, a area sobre que tem de applicar as disposições do regulamento de piscicultura, por isso que, sem conhecer aquella zona d'actividade, nada pode fazer. E tendo sido por unanimidade approvada esta proposta, que ficou archivada junta á acta, resolveu-se officiar n'este sentido para a commissão central permanente de piscicultura, aguardando as informações sollicitadas, sem o que não podem continuar os trabalhos d'esta commissão, e em virtude do que o sr. presidente declarou encerrada a sessão.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Continuam sem importancia as noticias do Brazil.

De Hespanha, ha o que dizem os seguintes telegrammas:

Madrid, 7.—O exercito expedicionario em Melilla, continuará alli emquanto não sejam castigados os mouros e se receba a devida indemnisação do imperador de Marrocos. Corre o boato de que o governo deu ordem ao general Martinez Campos, ácerca do conveniencia de uma operação militar em Melilla. Tambem se diz que o exercito tem ordem de occupar certas posições do territorio marroquino, como penhor de qualquer accordo definitivo, estudando-se a demarcação da zona neutral. Falla-se nos circulos politicos de uma nova conferencia celebrada hoje entre Muley Araaf, e o general Martinez Campos, sobremodo importante, exigindo este condicções de paz exaggeradas, o que dará logar ao immediato rompimento das hostilidades.

Madrid, 8.—O general Martinez Campos impôz a Muley Araaf as seguintes condições do accordo: Occupação geral pelos hespanhoes das posições estrategicas do campo mouro. Entrega de 13:000 espingardas, que usam as kabilas; Entrega de numero elevado de refens: Castigo rigoroso dos instigadores da actual lucta. A'manhã expira o praso para Araaf deliberar. Essas exigencias, se não forem satisfeitas, originarão forçosamente a guerra. Qualquer demora na resposta obrigará o exercito immediatamente ao ataque.

CARTA DE LISBOA

8 DE DEZEMBRO DE 1893.

O acontecimento do dia é a dissolução das camaras, facto que se presta ás mais cruciantes censuras, por isso que, a vontade da corôa, se manifestou altiva n'esse pleito que se traduz, por um verdadeiro conflicto nacional. No conselho, um voto houve apenas, que se manifestou favoravel ao acto—foi o do ex-chefe do partido regenerador. Os mais foram todos contrarios em principio, declarando a medida impopularissima e contraria ás verdadeiras conveniencias publicas, á razão e á justiça. O illustre chefe do partido progressista, teve de fallar mais d'uma vez, sustentando os bons principios. Fundados na ideia de que entre dois arbitrios a tomar—a dissolução ou a queda do gabinete—o mais acceitavel era a dissolução, cinco conselheiros votaram por ella, e cinco contra, pois que o sr. conde de S. Januario, não podendo comparecer pelo seu estado de saude, escreveu declarando «que se estivesse presente votaria contra a dissolução, por a julgar inconveniente, illegal e inoportuna». El-Rei, porém, decidiu, votando pela proposta do governo.

Seguiu a corôa o peior caminho, pois que a posição que tomou entre os partidos, convenceu a todos de ella se affastou dos verdadeiros principios, de que o seu proceder não é correcto, de que ella é simples lima em mão d'obreiro. Procedeu mal o soberano, e as consequencias do seu acto irreflectido e atrabiliario, hade elle sentil-as n'um praso curto.

Procedimento nobilissimo teve no conselho um dos membros de quem menos se esperava. Foi este o sr. marquez de Ficalho. S. ex.a disse alli, alto e bom som, e em frases amargas para o governo, que o pedido d'este o contrariava devéras, concluindo n'este tom pela seguinte interrogação: «Conta o sr. presidente do conselho poder arcar com os gravissimos inconvenientes que se originarão d'este acto, que reputo impopularissimo?» O ministro tituibeou, dizendo apenas: «Que tendo de apresentar ao parlamento algumas propostas, como a reforma administrativa, o Codigo do Processo, o regimen da liberdade de imprensa, a circulação monetaria e ainda outras, carecia de uma camara com que podésse absolutamente contar.»

Isto não tem explicação. O governo não é capaz de apresentar ás camaras medida util. O que pretende é perpetuar-se no poder: isso e mais nada. Não o conseguirá, porém, porque acima de tudo está a vontade popular, hoje mais que nunca em pleno divorcio com o governo e com o Rei que quiz por este modo affastar-se do resto das sympathias publicas, que como representante de um principio, mantinha.

Heide ser hoje muito limitado nas considerações a fazer porque me falta o tempo. O que desde já lhe posso affirmar é, que o acto indignou ainda os mais indifferentes.

A commissão executiva do partido progressista reune no domingo á noute em casa do seu illustre chefe para marcar o dia da grande reunião dos centros, e é n'essa reunião, que se espera que seja concorrida, que se ha-de deliberar sobre o caminho a seguir.

— O *Diario* de ámanhã deve publicar o decreto dissolutorio. As eleições,—se se fizerem, e sabe só Deus quem ainda as fará—deverão verificar-se em fevereiro, sendo a reunião do parlamento em 5 de março. Quasi um anno sem parlamento!

— O *Diario* publicou já o regulamento para o imposto industrial. E' uma rede a que nada escapa, é um imposto só por si capaz de produzir uma revolução. De tudo o que se está passando vão seguir-se acontecimentos importantes.

— São geraes as provas de consideração e de confiança que o partido progressista deposita no seu chefe. Dos Açores vieram documentos muito honrosos para o sr. conselheiro Luciano de Castro, pois que o auctorisam a resolver, como julgar mais regular e conveniente, o conflicto aberto entre o governo e o paiz.

— Falleceu aqui o sr. Pedro Correia, proprietario do *Diario Illustrado* e do *Correio da Europa*. Era um homem muito illustrado, muito trabalhador, muito bemquisto—homem honrado e bom a quem as letras devem muito. Fez bem a muita gente, criando por isso muitos ingratos. Foi sempre regenerador, prestando ao partido que lealmente serviu, muitos e bons serviços. Toda Lisboa sente o acontecimento.

— Chegou a Lisboa o distincto diplomata, sr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—O sr. Bispo Conde está agora na sua casa da Carregosa e com demora d'alguns dias.

— Continua incommodado, na sua casa d'Estarreja, o illustre magistrado, sr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, o que muito sentimos.

— O revd.° sr. Francisco da Costa Junior, illustrado director do *Collegio Probidade*, d'esta cidade, foi ante-hontem de manhã accommettido de uma congestão cerebral, sendo muito melindroso o seu estado, posto tenha tido algumas melhoras. Fazemos ardentes votos pelo seu restabelecimento.

Tambem tem passado mal o nosso antigo amigo, sr. Manuel Ferreira Corrêa de Souza, escrivão de fazenda aposentado, o que muito sentimos.

— Partiu para a sua casa em Penella o sr. José Augusto Arnaut Peres, digno capitão de cavallaria n.° 10.

— Consta que vem residir para aqui o nosso patricio, sr. Camillo Rebocho, distincto coronel d'infanteria 23, que requereu a sua reforma.

E' para sentir.—Sob a epigraphe—*Cão hydrophobo*—o *Jornal do Povo*, d'Oliveira d'Azemeis, de 6, dá-nos a seguinte noticia:

«No domingo, quando o nosso respeitavel amigo, sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, passava no sitio da Arcosa, freguezia do Pinheiro, onde exerce um partido medico, foi atacado por um cão hydrophobo, que lhe deu algumas mordeduras nas mãos quando o sr. dr. Abel Ribeiro amarfanhou o raivoso animal para impedir que elle o mordesse no rosto. O nosso amigo esteve ante-hontem n'esta villa, d'onde seguiu para a capital, afim de se tratar no instituto bateriologico. Sentimos o infausto acontecimento e estimamos que s. ex.a regresse em breve completamente curado.»

Tambem nós sentimos profundamente o succeso que acaba de dar-se, fazendo votos para que a cura seja tão proficua como ha motivo para esperar.

Padroeira do Reino.—Na egreja do real convento de Jezus, d'esta cidade, realisou-se hontem com maxima pompa a festividade da Virgem da Conceição. O templo estava elegantemente ornamentado, destacando-se sobretudo o altar da Virgem, pela novidade da sua decoração. Ao centro como que d'uma gruta natural inteiramente revestida de trepadeiras e camelias brancas, erguia-se sobre um globo de nuvens a imagem da Virgem da Conceição, cujos vestidos de setim branco e azul, recamados de ouro, são uma das muitas preciosidades que possue o convento. Aos lados do altar, sobre dois pedestaes brancos, viam-se dois formosissimos *caches-pots* da fabrica da Fonte Nova, que foram gentilmente offerecidos pelo nosso prestante amigo sr. Antonio da Silva Mello Guimarães. Como producto ceramico, difficilmente encontrarão rivaes no paiz. São uma belleza.

E' das virtuosissimas irmãs terceiras de S. Domingos, a quem hoje está netregue o convento e que alli mantém o seu esplendido Collegio de Santa Joanna, a iniciativa d'esta solemnidade, pelo que lhe cabem mil louvores.

No coro foram as mesmas religiosas auxiliadas pela ex.ma sr.a D. Carolina Soares e mademoiselles Urbany e Amorim, professoras do collegio e que como sempre cantaram admiravelmente. Prégou o sr. padre Abel da Conceição, illustrado parocho d'uma das freguezias do concelho d'Agueda, que mais uma vez comprovou os seus meritos de orador sagrado.

— Na egreja parochial da Gloria houve tambem festividade em honra da Virgem da Conceição, prégando o nosso patricio o revd.° sr. Bruno Telles, que se houve verdadeiramente á altura do assumpto. O altar da Virgem estava muito bem disposto.

Fanfarra.—A da secção *Barbosa de Magalhães*, do Azylo Escola Districtal, tocou hontem de manhã á missa das 11 horas, e de tarde no jardim, agradando muito o seu novo reportorio.

Reaes municipaes.—Principiaram hontem as arrematações dos reaes municipaes d'este concelho, para o anno de 1894, devendo continuar ainda hoje, e amanhã, e depois, e em todos dias mais que se tornem necessarios. A offerta pela limpeza da costa de S. Jacintho, triplicou. Em compensação baixaram outras.

Circular.—Do nosso presado amigo e negociante n'esta praça, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, acabamos de receber a seguinte carta, cuja publicação nos pede e que é dirigida a todos os seus devedores:

...*Sr.*—Tendo de satisfazer todos os meus compromissos até ao dia 15 do corrente, necessario me é que as pessoas que me são devedoras, me paguem os seus debitos até áquella data tambem, pois que no dia 1 de janeiro proximo, tenho de retirar d'esta cidade. Obrigado pois pela força das circumstancias terei de fazer venda de todas as dividas que me não forem pagas, para cuja compra já recebi propostas de dois cavalheiros d'esta cidade, impondo-me *estes como condição o* serem os nomes dos devedores e as quantias em divida, publicados nos jornaes d'esta cidade e em dois dos mais lidos de Lisboa e Porto, o que embora a muito custo farei, se até ao praso acima designado eu não fôr embolsado das contas em debito.

Aveiro, 6 de dezembro de 1893. *Francisco Elias dos Santos Gamellas.*

Aos corpoo administrativos.—No logar competente publicamos hoje um annuncio, que respeita á administração d'estes corpos e aos quaes verdadeiramente interessa. Recommendamos pois a acquisição de um trabalho, que tão util se torna.

Um «rato».—Ante-hontem de noute foi apanhado em casa do sr. Jacintho Rebocho, á rua de Anselmo Braamcamp, um gaiato muito conhecido, de nome Fernando Camarão, já uzeiro em rapinagens, que alli se tinha introduzido com mau fim. Foi detido no commissariado; mas é conveniente que seja castigado com correcção, por que é um vadio temivel.

Desastre.—Na quarta-feira, na costa de S. Jacintho, ia succedendo uma lamentavel desgraça, pois afundou-se um barco de pesca, e se não lhe acodem as outras companhas morriam decerto alguns homens.

Trabalho de pesca.—Não o houve n'estes ultimos dias, por que o mar se tornou impraticavel.

Mercado de sardinha.—A que resta das ultimas pescas está hoje no mercado por 2$800 réis.

A das lanchas que ahi arribaram e que pouco abasteceram o mercado, está tambem por 2$800 réis o milheiro.

As nossas finanças

Não ha melhor maneira de matar o *deficit* do que a que se tem inventado de ha muito tempo para cá, e que torna qualquer ministro um verdadeiro Necker. Cresce o *deficit?* Mata-se esse augmento n'um momento.

Arranjam-se umas reformas das repartições de fazenda, que nem o diabo as entende, fazem-se andar os escrivães de fazenda n'uma *chaine anglaise*, e depois da contradança de todos os empregados fiscaes, o *deficit* augmentou 1$000 réis. Não é bom e util este expediente?

Ora nós, sem mesmo tocar na momentosa questão politica que actualmente fluctua no ambiente, vamos demonstrar, clara e terminantemente, que todas as reformas de fazenda, desde as do sr. Marianno de Carvalho até á ultima do sr. Fuschini, tem sido uma verdadeira patacoada, e vamos dar rasão do nosso dito.

As reformas não se queriam no pessoal, que era antigo, que tinha direitos adquiridos, e que soffreu transferencias que lhe custaram bom dinheiro, sem ter culpa d'essas reformas á toa. O que se devia ter feito desde 1880 para cá era ter simplificado o serviço, reduzindo-o a menos d'um terço, e isto para melhor e mais util fiscalisação.

Deviam-se ter augmentado o numero dos escripturarios, não com relação á ordem dos concelhos, mas ao numero de conhecimentos de contribuições, e os concelhos classificados só em duas ordens. As cidades em 1.ª ordem e os demais concelhos em segunda ordem. Nada mais.

Ha concelhos de segunda ordem com dois escripturarios que não tem que fazer nem a quarta parte do serviço que faz um hoje de 4.ª ordem. Demais se o thesouro não podia com o augmento do numero dos escripturarios, lançasse os seus vencimentos aos contingentes da contribuição predial, e nada influiria isso nas contribuições.

Mas o sr. Dias Ferreira, com o seu *facão das economias*, não só reduziu o numero dos escripturarios mas até a estes pobres e infelizes empregados lhes diminuiu os magros ordenados, pois que na sábia administração fazendaria do ex-ministro da fazenda, o melhor meio d'um empregado trabalhar melhor, é matal-o com fome e frio!

Devemos aqui confessar que a reforma do sr. Marianno de Carvalho teve alguma cousa d'util. Foi estabelecer ordenados e quotas, porque claro está que havia escrivães de fazenda com 4 a 5 mil conhecimentos de contribuições e que tinham apenas de quotas 175$000 réis annuaes, o que corresponde a 14$583 réis por mez, pouco mais que o ordenado d'um escripturario, e outros que tinham réis 200$000 a 300$000 por mez, e com muito menos trabalho. Mas nós nunca apoiamos nem apoiaremos tal systema, nem a classificação de officiaes e aspirantes de 1.ª e 2.ª classe. São todos escrivães de fazenda com egual responsabilidade, com egual trabalho, com eguaes direitos.

Já aqui dissemos a maneira de remediar os antigos inconvenientes, de receber um escrivão de fazenda menos de que outros em egualdade de circumstancias. Nenhum escrivão de fazenda devia receber menos de 400$000 réis liquidos de quotas.

Dirão, como calcular isso? E' facil. No fim do anno economico sommar as quotas recebidas, e o que faltasse para o computo d'aquella quantia, ser-lhe abonado no mez de julho.

Tambem nenhum escrivão de fazenda de 1.ª ordem devia receber quotas inferiores a 800$000 réis annuaes.

E aqui tinhamos nós regulado tudo sem a tal classificação d'aspirantes, o que tem dado resultados tristissimos em tudo. Mas o que se devia fazer, não se fez.

A simplificação dos serviços fiscaes, que está um verdadeiro cháos, isso ficou no tinteiro, e os resultados vemol-os nós em toda a parte.

Um escrivão de fazenda por mais habil que seja, por mais que trabalhe, é-lhe impossivel vencer o trabalho actualmente; e *ad impossibilia namo tenetur*.

Os governos o que querem é fazer dos empregados fiscaes joguetes politicos para as eleições, e nada mais.

No proximo numero trataremos da reforma dos serviços, visto que hoje nos falta o espaço.

PATRIA!

E' bem sabido o espectaculo e o trabalho de um vulcão. Nos casos normaes excita, mas não espanta. As escorias estão frias; as cinzas apagadas; no alto do monte reina um silencio profundo e na raia do monte brota uma vegetação luxuriante; e, a meio de tudo isto, apenas se percebe o arquejo natural da fragua, que lhe estúa nas entranhas, o ligeiro penacho de fumo que se desenha nos espaços.

Porém, volvidos os periodos de repouso, oscilam de repente os fundamentos do solo; tremem os contrafortes da montanha escancara-se e ruge a cratera; desata-se uma tempestade medonha, uma fumarada immensa; e arroios de lava, mineraes candentes, sedimentos sulphurios e gazes asphyxiantes jorram e serpeiam por toda a parte. Assim o amor da patria—esse energico fogo central, esse activissimo sentimento vulcanico, mais ou menos visivel mas sempre enroscado ao coração humano, que, ao menor sopro, desfecha em labaredas formidaveis e lavra em explosões tremendas.

E porque semelhante paixão? O que é que nós amamos tão calidamente, tão fervidamente, tão intraduzivelmente ao fundo d'essa realidade flammante conhecida pelo nome de patria? E' a casa, o jardim, a arvore, o prado, o rio, a flôr? E' o chão distendido aos possos primeiros passos, o ceo aberto ás nossas primeiras vistas, o sol formoso dos nossos primeiros annos? São os vastissimos figueiraes do Algarve, as amplas herdades do Alemtejo, as opulentas campinas da Estremadura, as melamcolicas collinas das Beiras, as preciosas vinhas do Douro, as altas terras de Traz-os-Montes, as pittorescas, as suaves, as uberrimas veigas do Minho? São as nossas belas provincias e as nossas bellissimas colonias?

Sem duvida: até as condições physicas do torrão que nos viu nascer teem para o nosso affecto ineffaveis enlevos, indizieis encantos—encantos dos valles e das montanhas, das aguas e das sombras, da paisagem e do horisonte, do ar e da luz. Tudo isto entra e se concentra no conjuncto mavioso, deliciosissimo de bellezas e de riquezas que compõe para nós o amor da patria. Mas é certo; bem certo, que ao fóco, ao fundo d'isto, ha uma causa que tudo vitalisa, uma força que tudo fundamenta: a causa do amor da patria está na mesma força da palavra patria—está na paternidade, Adherimos á patria como a fibra adhere á fibra, como a vida adhere á vida: pertencemos á patria pelas proprias raizes—pelas raizes paternas.

Ah! se a ideia de patria brilha para nós com o brilho de um astro, é porque nos dias da infancia nos sentimos como plantas mimosas, acariciados n'ella pelas lagrimas mais puras e pelas auras mais fagueiras. Se a terra patria por modesta que ella seja, vale para nós o universo, é porque enthesoura umas cinzas que nos crystalisam a memoria, é porque encerra uns ossos a que se nos prende a alma como a chispa á pederneira—os ossos e as cinzas de nossos paes. Se a herança-patria avoluma e resplende á medida do tempo e á medida do espaço que nos afastam d'ella, e o nosso coração a procura n'um anhelo, n'um anceio que recresce com a ausencia, é porque ahi vimos um sorriso nunca mais visto e ahi bebemos um affecto nunca olvidado—o affecto e o sorriso de nossas mães. E em todas as bellezas com que a patria nos seduz e em todas as saudades com que a patria nos persegue, e em todas as imagens com que a patria nos fascina, o nosso peito arfa e a nossa razão clareia, e conhecemos e sentimos que o amor da patria é o amor dos amores—que amamos nossa patria exactissimamente, precisamente porque amamos nossos paes. Expungi de patria a ideia de pae e tereis uma palavra sem sentido, uma palavra vã; ou em vez de patria, ficareis tendo a mais infame das idolatrias ou a mais selvagem das abstracções,

A patria, pois, é a herança material e a herança moral havida dos maiores, é, emfim, a tradicção; e o respeito e amor da tradicção é o genuino respeito e amor da patria. A patria é a tradicção de raça e de sangue, a tradicção de dominio e trabalho, a tradicção de posse de culto, a crença, de lingua, de historia. A patria é esta gleba riscada á ponta de lança e firmada á força de fé por inclitos avós que a legaram inteira e sagrada ao goso de seus netos. A patria é o esforço heroico de pae convertido em honrado alimento para seus filhos. A patria é o passado, presente e futuro do mesmo povo unindo-se e reconhecendo-se, produzindo e medrando, arraigando e bracejando no mesmo espaço. A patria é a independencia e a riqueza, a unidade e a perennidade, a origem e a sorte, o ideal e a esperança, o escudo e a bandeira, a cruz e a espada de um paiz. Possessões antigas, creações antigas, virtudes antigas, crenças antigas, nomes, honras, memorias e glorias antigas, eis a patria na sua pujança nativa, na sua vigorosa e pompeante expressão:—eis a obra e o genio, o coração e o caracter, a alma e a vida de nossos paes. Quem dessoldar esta cadeia material que prende ascendentes a descendentes e esta cadeia moral que liga e identifica gerações a gerações é um refinado egoista, um falso patriota, um abastardado membro social, um cidadão, um sujeito sem a minima ideia de patria.

Lisboa, 59-11-93.

ALVES MENDES

A EXPOSIÇÃO DE ARTE BORDALLO PINHEIRO

A TALHA MANUELINA E A QUINTA CAPELLA

Foi um verdadeiro acontecimento artistico o que Lisboa celebrou ha dias.

A talha manuelina e as figuras religiosas para uma das capellas do Bussaco, moldadas em barro das Caldas pelas mãos prodigiosas de Raphael Bordallo Pinheiro, representam na arte portugueza um progresso tão extraordinario, que nos julgamos remontados a um d'esses periodos aureos da renascença em que a *élite* da intelligencia e da nobreza ia admirar algumas d'essas obras d'arte que atravessaram os seculos, e saudar o artista genial que honrava a patria e a humanidade.

Essa foi a impressão que nos deixou a visita ao salão da livraria Gomes, onde se reuniu, desde o chefe do Estado, o que Lisboa tem de mais conhecido e distincto nás primeiras classes da sociedade.

Collocada ao centro do artistico salão, sob a luz de quatro projectores electricos, a talha de Bordallo Pinheiro attrae logo as vistas, e provoca o enthusiasmo de quantos contemplam, e demoradamente observam essa verdadeira obra-primor, em que parece fundir-se a arte delicada de Benevenuto Cellini com a concepção famosa e o genio decorativo das esculpturas da *Batalha*, dos artistas sublimes que deixaram nas capellas imperfeitas, a manifestação prodigiosa quando uma arte pode engrandecer-se e immortalisar-se. E de que ella não estava extincta, e de que necessitava apenas uma vontade de ferro, e um talento de excepção, para se ostentar hoje em toda a sua formosura, em todas as suas maravilhas e quiz proval-o este grande artista de hoje, cuja celebridade devia transpor todas as fronteiras.

Que saibamos nenhuma das artes cultivadas aqui produziu ainda n'este seculo uma obra tão completa e sobre tudo tão portugueza. Porque Bordallo Pinheiro, e é isto que é preciso dizer-se, timbra em dar uma feição accentuadamente portugueza a todas as producções do seu trabalho tão fecundo, e pode dizer-se pela sua arte, tão vasto e cosmopolita.

N'aquella obra admiravel é Portugal que falla, que se impõe, que domina, é o Portugal das navegações, é a patria de Camões e do infante D. Henrique, é o estylo manuelino e a severa arte religiosa, é toda uma invocação do passado, alli moldada em barro, rediviva, saindo completa e formosissima das mãos maravilhosas de um artista portuguez, que n'este desalentado fim de seculo mostrou que não se tinha esgotado ainda a seiva dos grandes seculos da arte.

Passando da talha ás figuras do Bussaco, prolonga-se a admiração deante d'esses modêlos de estatuaria em que Raphael Bordallo, n'uma arte nova para elle, se identifica por tal forma com o seu objecto, que nos parece vermos pela primeira vez, resuscitados pelo talento, as figuras d'esses hebreus da esculptura, d'esses soldados romanos do Calvario, d'esse Christo doce, bom, seraphico, que sem olhar para cima, se advinha ter os olhos fitos no céo e o trabalho de detalhe é tão primoroso, e são tão accentuados os typos romano e semitico, tão rigosos os pormenores anatomicos, e a expressão do terror ou do assombro é tão viva e eloquente n'aquellas physionomias, que um bravo de admiração sáe de todos os labios, e como que se experimenta, por entre os desalentos e decepções do nosso tempo o orgulho de ser portuguez. E' esta a quinta capella; imagine-se o que será o grupo completo de todas as figuras destinadas ao Bussaco, e que nós em nome da grande arte, desejariamos que em vez de terem aquelle primitivo destino, onde ficam expostas a qualquer vandalismo, ficassem em exposição no nosso museu nacional.

Além d'isto novos modêlos, artefactos novos em que se não sabe o que admirar mais, se a docilidade da materia prima, se os talentos variadissimos de Bordallo Pinheiro, e ahi teem o que foi a exposição hontem inaugurada por el-rei, que dirigiu aos artistas os mais rasgados louvoures, com o mesmo enthusiasmo com que lhe falaram depois os srs. ministros do Reino e das Obras Publicas, e todas as pessoas que fôram admirar aquellas obras primas.

Gilliatt.

IDYLLIO REAL

A PRINCEZA HELENA DE ORLEANS E O DUQUE DE CLARENCE

O *Figaro*, chegado terça-feira a Lisboa, contava em primeiro artigo a historia de um idyllio real, grande, respeitavel e poetico e que honra aquelles a quem diz respeito, em que cada um sahiu engrandecido com a lucta, e que hoje constitue uma pagina esbatida e melancholica no livro eterno que a piedade dos homens escreve em honra dos corações irremediavelmente feridos. Esta historia publica-a o *Figaro*, com a assignatura de *Amicus*, aproposito da recente partida de Paris, de S. A. R. a princeza Helena de Orléans, augusta irmã de S. M. a rainha sr. D. Amelia,—e que se dirigia a Brindisi, onde a esperava seu irmão o duque de Orléans, com o qual deve partir para o alto e baixo Egypto, onde permanecerão durante alguns mezes. A princeza Helena, deixa a Inglaterra e a Europa, para ir procurar sob o sol radiante das margens do Nilo a grande luz penetrante que deve dissipar as sombras melhancholicas que envolvem o seu coração.

Não é segredo para ninguem que a princeza Helena, sentira um profundo affecto, affecto que lhe era correspondido, pelo duque de Clarence, filho mais velho do principe de Galles, herdeiro d'um dos maiores thronos da terra, e que a morte roubou ha tempos, em plena mocidade, á ternura da sua familia, ao amor da sua nação. Este amor nasceu durante uma visita que o sr. conde de Paris e sua familia fizeram, em Balmoral, á rainha Victoria. O duque de Clarence, foi ferido pelos encantos e belleza da princeza, e um affecto espontaneo e irresistivel rebentou nos dois corações. E pouco depois aos dois apaixonados, appareceu a perespectiva d'um casamento. Mas logo lhe appareceu um obstaculo quasi invencivel: a differença da religião. Havia porem o precedente da princeza Maria, filha do duque de Chartes, que havia desposado um principe protestante, o principe dinamarquez Waldemar. O papa Leão XIII, havia consentido n'esse casamento, mas com a condição que os filhos que nascessem fossem protestos, mas as filhas educadas na religião catholica.

Convenceu-se portanto a princeza Helena de que um tal precedente com uma princeza da sua familia devia bastar para obter o consentimento de Leão XIII, — e não hesitou em confessar a seu pae, o sr. conde de Paris, o seu amor pelo duque de Clarence. O sr. conde de Paris limitou-se a responder que uma tal união era impossivel, se não houvesse o consentimento da Santa Sé. Foi então que a princeza Helena comprehendendo que o consentimento do Papa devia ser o ponto de partida para a realisação dos seus desejos, resolveu ir a Roma. Recebida no Vaticano, a princeza Helena confessou a Leão XIII o seu amor pelo duque de Clarence, e pediu-lhe o seu consentimento, apoiando se do precedente de sua prima a princeza Maria de Chartres.

Mas Leão XIII oppôz aos seus rogos uma recusa formal. *Disse-lhe que* comprehendia a sua angustia, a sua tristeza, as suas lagrimas; mas quando se tinha a honra de ser uma princeza d'essa grande raça real que fez da França a filha mais antiga da Egreja, era preciso saber soffrer pela sua fé; era preciso saber acceitar com altivez as dores que comportam as glorias seculares do que se herdou. «E não sómente, accrescentou o Santo Padre, não posso consentir no que me pede, não sómente não posso permittir que colloque sobre os seus hombros o fardo da responsabilidade que sobre vós faria pesar o abandono mesmo parcial da fé de São Luiz, mas sois vós que deveis annunciar a minha recusa ao moço principe a quem o vosso coração se entregou. Sois vós que deveis fazer-lhe acceitar a minha resolução, sem que murmure contra ella. Sois vós emfim que deveis pedir-lhe que consinta em acceitar outros laços, para assim assegurar a successão do throno.»

Ao dizer estas palavras o Santo Padre collocou as mãos sobre a cabeça da princeza que estava ajoelhada a seus pés, e assim permaneceu algum tempo a rezar em silencio, entrando depois para o seu oratorio.

A princeza, profundamente commovida, atrávessou as grandes galerias e a sala dos Guardas, e foi refugiar-se no zimborio de S. Pedro, junto do altar, onde permaneceu ajoelhada por muito tempo.

Ao voltar para Inglaterra, fiel á missão de dôr de que o Santo Padre a havia encarregado, restituio ao duque de Clarence a palavra que este lhe havia dado, e pediu-lhe que escolhesse outra noiva e pensasse no successor que devia ter, caso um dia se sentasse no throno do Reino Unido.

Mais tarde, como se sabe, o duque de Clarence era noivo da princeza May. Mas nunca poude varrer da sua memoria a imagem querida da princeza heroica á qual havia dado o seu coração. Quando mais tarde caiu doente, deitado sobre o leito d'onde nunca mais havia de se levantar, e aquelles que o cercavam viam approximar-se o delirio, houve sempre o cuidado de fazer sair do quarto a princeza May, para que não ouvisse o augusto doente, no seu delirio, invocar sem cessar o nome da princeza, da qual a vontade do Santo Padre o havia separado para sempre. A princeza May poude consolar-se cem outro casamento que a tornou a collocar sobre os degraus do throno de Inglaterra.

Quanto á princeza Helena de Orléans está n'este momento a caminho do Oriente. Abandona por alguns mezes a Europa que foi testemunha dos seus desgostos e soffrimentos, para ir procurar no velho paiz dos Pharaós uma paz de espirito e um isolamento melancholico e suave que as côrtes da Europa são incapazes de lhe proporcionar.

*

Ha dias a agencia *Haves* dava-no a noticia de que se fallava com insistencia no casamento do Tsarewitc, com a princeza Helena de Orléans. Esta noticia foi depois desmentida pelo sr. Camille Dupuy, secretario particular do sr. conde de Paris.

NOTICIAS DIVERSAS

Cosinha economica.—Uma commissão composta das ex.mas sr.as duqueza de Palmella, marqueza de Rio Maior e D. Julia M. de Brito e Cunha, acaba de iniciar e installar em Lisboa, na travessa do Forno, proximo á rua Saraiva de Carvalho, a primeira cosinha economica, e de dirigir ás fabricas e estabelecimentos industriaes circumvisinhos a circular que segue:

Ill.mo e ex.mo sr.—Tendo-se organisado uma commissão com o fim de estabelecer uma cosinha economica para os operarios de Lisboa, na travessa do Forno junto á rua Saraiva de Carvalho, e devendo ter logar a inauguração no dia 9 do corrente, a commissão tem a honra de convidar a v. ex.ª para a coadjuvar no seu caridoso intuito.

Annuindo v. ex.ª a este convite pode fazel-o de duas formas: ou requisitando um certo numero de senhas para distribuir aos seus operarios, descontando-lhes a importancia das mesmas no fim da semana (como nos paizes onde a commissão estudou esta grave questão) ou explicando-lhes a vantagem economica que para elles resulta d'esta boa instituição. Pede-se pois a v. ex.ª o favor de communicar á commissão quantas senhas deseja, ou o numero de rações que a commissão terá da fornecer diariamente aos operarios da sua fabrica ou estabelecimento. Os preços são os seguintes:

Uma tijella de sopa, 20 réis.

Prato que consiste de legumes, massa e hortaliça com carne ou peixe, 30 réis.

Pão, 250 grammas, 20 réis.

Vinho, dois decilitros, 20 réis.

Os generos são todos da melhor qualidade, as porções abundantes, garantindo-se o bom cosinhado, aceio e limpeza; d'esta forma além da vantade preço evita-se que o operario coma productos adulterados e nocivos á saude, como entre nós todos os dias se observa.

Se os industriaes, fabricantes e particulares prestarem o seu auxilio á commissão, velando pelo bem estar do operario, esta verá coroados os seus esforços e preenchido o seu fim unico: —ajudar os que tabalham. A commissão agradece.

Lisboa, 1 de dezembro de 1893. Toda a correspondencia deve ser dirigida interinamente a Eduardo A. Esteves de Freitas. Rua da Escola Polytechnica, n.º 116.

Medida precisa.—Principiou, com effeito, ha dias, de ser retirada do paiol de Valença para o wagon-paiol que a conduziu para a fabrica de Barcarena, a polvora alli armazenada. Foi acondicionada em 900 barris e cunhetes. Era de 30:000 kilogrammas a quantidade a remover. O wagon-paiol tem a carga de 5:000 kilogrammas, sendo preciso, pois, fazer seis viagens para conduzir todo aquelle explosivo. O serviço da remoção foi feito com o maior cuidado, e tanto a auctoridade militar como a administrativa tomaram todas as precauções que tal operação exige. Desde as portas da Coroada até á estação do caminho de ferro esteve interrompido o transito de carros, e a estrada vigiada por sentinellas espalhadas ao longo da mesma. Na estação, um piquete de artilheria, commandado por um sargento.

Preversidade de mãe—Nos arredores de Villa Nova da Cerveira, uma mulher commetteu ha dias a mostruosidade de vender um filhinho de 5 annos de edade, a um mendigo que por alli passou, por 1:200 réis. Uma visinha d'esta megera—outra que tal—assistindo ao negocio, que por signal foi regateado até á ultima, exigiu que o mendigo lhe desse dez tostões para ella se calar; o pobre não esteve pelos ajustes e a mulhersinha foi denunciar o negocio ás auctoridades. Não sebemos se estas metteram todo aquella sucia na cadeia.

Assassinato.—Na segunda-feira de manhã, a villa de Mafra foi alborotada pela descoberta d'um crime, que produziu alli a maior sensação. Proximo do chafariz appareceu o cadaver, do official de deligencias do juizo de paz do Milharado, João Antonio da Costa, conhecido pelo *sobriquet* de *João Russo*, residente na Venda de Pinheiro. Junto do corpo do desventurado official de diligencias, via-se um pequeno sacho, proprio dos trabalhos de horta e que parece ter sido o instrumento, ou pelo menos um dos instrumentos do crime. Este caso, que se espalhou logo pelos arredores, attrahiu logo ao local onde appareceu o cadaver, as auctoridades, que foram proceder ao corpo de delicto e outras deligencias. Não ha por ora nem sequer indicios de quem sejam os auctores do crime, pois que elle deve ter sido praticado por mais d'uma pessoa. João Antonio da Costa, era homem que passava por valente, e com razão; por mais d'uma vez, no exercicio das suas funcções, desempenhou commissões arriscadas como capturas de criminosos temiveis etc. Deixa aquelle infeliz, viuva e 4 filhos menores.

O nosso tratado com a Hollanda.—A segunda camara dos Estados Geraes da Hollanda approvou no dia 29 de novembro, por unanimidade, o tratado com Portugal relativo á delimitação das respeciivas fronteiras em Timor, com o direito de preferencia reciproca no caso em que qualquer das partes contratantes pretenda alienar os seus territorios alli.

Tem graça.—Um collega do Porto conta o seguinte:

Um anarchista patuseo.—N'uma das ultimas noites, na occasião em que o sr. Joaquim José Jorge, saía de sua casa na rua de Santo Ildefonso, tropeçou n'um volume que estava junto á porta. Accendeu um phosphoro, e recuou atterrado. Eis como se explica o caso:—Um ratão qualquer lembrou-se de lhe collocar á porta uma garrafa cheia de terra, com um bocado de rastilho de polvora a sair pelo gargalo. Aquelle cavalheiro assustou-se imaginando que a garrafa estava cheia de dynamite.

Tem graça e não fez mal.

Mais.—Publicam os jornaes parisienses um caso de *escroquerie* engraçado e curioso. E' o seguinte:

O abbade de Boulogne-sur-Seine, ha uns mezes a esta parte estava quasi todos os dias a receber a visita de mancebos que, com certos ares de severidade, lhe pediam noticias da sua pupilla. Ora, o abbade não tinha pupilla nenhuma. Ao principio tomou a coisa por um equivoco, mas por fim encarou-a como um gracejo de mau gosto e encavacou com o negocio. Os sujeitos que o interpellavam retiravam se sempre desconfiados e evidentemente sem acreditarem nos protestos do bom padre, que lhes dizia não ter pupillas. Actualmente está explicado o caso: um intrujão chamado Lefévre, dono d'uma agencia matrimonial, annunciou uma rapariga rica, com mancha, que estava prompta a casar, por intermedio da sua agencia, com rapaz pobre, mas honesto. Os pretendentes cahiram na agencia como tordos, e o intrujão, apanhando-lhes dinheiro, acabava por lhes dizer que a pequena tinha sido sequestrada pelo abbade de Boulogne-sur-Seine. D'ahi as visitas ao sacerdote. O intrujão foi preso, escusado será dizel-o.

A mulher nas artes graphicas.—Na Inglaterra cresce consideravelmente o numero das mulheres que se acham trabalhando nas typographias. Nos Estados-Unidos o numero das mulheres empregadas em trabalhos typogrophicos é de cerca de 3:000.

Fusilamento de um presidiario.—Na manhã do dia 5 foi passado pelas armas na esplanada do forte de Camellos, o presidiario Riera Farren, accusado de ter cortado as orelhas a um mouro chamado Amadi, espião dos hespanhoes. Em Melilla causou profunda impressão a noticia de que fôra condemnado á morte José Riera, a quem todos conheciam e que nos ultimos dias da campanha prestára relevantes serviços ao exercito hespanhol. José Farren tinha no seu passado um antecedente, que coincidia por fórma estranha com o debito que lhe custou a vida.

Durante a ultima guerra civil Farren, portou-se tão valentemente que chegou a alcançar o posto de sargento.

No ataque do Leo d'Urgel, foi mortalmente ferido e feito prisioneiro pelas tropas liberaes. Restabelecido e terminada a guerra foi julgado em 14 de dezembro de 1877, por ter assassinado, durante a campanha, um espião do exercito liberal. Foi condemnado a presidio perpetuo e enviado para Melilla. Alli se conservou até agora tendo sempre um comportamento regular.

Quando o capitão Ariza, formou a sua celebre *Guerrilha da morte*, foi José Riera um dos escolhidos, e sempre em todas as emboscadas nocturnas se portou valentemente, esperando-se que terminada a campanha, fosse indultado. Um acto de crueldade veiu desfazer todas estas esperanças e o desgraçado presidiario pagou com a vida, o horror que sempre tivera aos espiões. O conselho de guerra que o julgou agora reuniu n'uma sala do presidio, presidido pelo tenente coronel do regimento d'Africa.

Muito poucas pessoas assistiram ao julgamento. Meia duzia de officiaes apenas e quatro ou cinco jornalistas. O mouro Amadi, que foi obrigado a comparecer no tribunal, indicou primeiro como auter dos seus ferimentos um presidiario chamado Servilla, mas este esclareceu a verdade indicando o verdadeiro culpado.

As declarações de Amadi e Servilla, serviram de fundamento ao accusador, que sustentou estarem provados os delictos de traição e ferimentos graves. O de traição porque o attentado commettido na pessoa de Amadi, podia ser causa de que não chegassem ao conhecimento do general em chefe noticias importantes, e o de ferimentos graves, porque effectivamente revestiam esse caracter os do mouro Amadi. Por isso o accusador pediu a pena de

---

14

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

XIV

DE PORTA EM PORTA

Quatro leguas distante do sitio onde Magdalena se encontrava, isto é, em uma excellente casa de campo situada nas immediações de Buñel e Requena, vivia um homem summamente rico, mas muito velho, a quem ninguem queria servir, apesar de offerecer um bom salario. Tinha noventa annos e padecia de frequentes accessos de loucura, durante os quaes se levantava do leito onde o tinha prostrado uma enfermidade que, segundo os medicos, era contagiosa, e ameaçava os seus creados. Isto fazia que uns por mêlo, outros por apprehensão, e a maior parte por não soffrer as suas impertinencias e loucuras, se recusassem a servil-o. O estalajadeiro de Chiva, sabendo que Magdalena estava sem recursos, offereceu-lhe commodo n'aquella casa.

Magdalena perguntou se o amo vivia só, e como lhe dissessem que estava junto com uma sobrinha que um dia seria sua unica herdeira, encaminhou-se para alli, apresentando-se no dia seguinte em casa do enfermo. A sobrinha, vendo-a tão bella, tão decente, tão fina e cortez negou-se a recebel-a, manifestando-lhe que era uma occupação demasiado pesada para ella; vendo, porém, a insistencia, fez-lhe saber os costumes da casa.

O pobre velho estava habituado a ser tratado com certo desabrimento, e bem depressa comprehendeu Magdalena que eram justificados os accessos e que a solicitude podia melhoral-o e tornar inoffensiva a sua loucura. Começou pois a tratal-o como um pae, e toda a gente estranhou que, onde ninguem tinha parado, se conservasse esta mulher tanto tempo, considerando-se feliz. Todavia era uma verdadeira martyr: não descansava, não dormia, passava todo o dia junto do leito do enfermo, e só ella tinha logrado vêl-o pacifico e alegre, depois de vinte annos de doença e de loucura.

Um dia, o velho tomou as mãos de Magdalena entre as suas, inclinou-lhe a cabeça para o hombro, e disse-lhe com a voz profundamente commovida:

— E's uma santa, minha filha; hoje que conheço a tua abnegação e o teu caracter, posso abrir-te o meu coração, por tanto tempo lacerado. Estou doente, mas não louco; teem-o dito os meus parentes, porque me revolto contra as suas infamias e não deixo que me matem como a um cão. São uns ambiciosos que teem tentado envenenar-me por mais de uma vez para se apoderarem da minha fortuna; mas nada temas: se tratares de mim como até agora, e fizeres que eu tenha uma morte tranquilla, não serei ingrato, lembrar-me-hei de ti.

Quem havia de dizer a Magdalena que esta promessa, feita depois de cinco annos de cuidados, de trabalhos, de martyrio continuo, lhe causariam o desamparo?

A sobrinha, que por certo espreitava Magdalena, chamou-a n'aquelle mesmo dia e obrigou-a a sair de casa. Magdalena derramou bastantes lagrimas, abraçou o pobre velho, não lhe dizendo cousa alguma, para não augmentar a sua desventura, e saiu n'aquella mesma noite da quinta.

Levava intactos todos os seus ordenados, que, a razão de cem reales cada mez, constituiam no periodo de cinco annos a enorme quantia de seis mil reales. Pensou pois em dirigir-se á côrte, apresentar-se como opposito-ra a qualquer cadeira de mestra de meninas de uma aldeia, e entregar-se d'este modo ás suaves recordações do passado e ao amparo dos infelizes.

Chegando a Requena, metteu-se na diligencia. Pelo caminho soube que uma epidemia fazia horriveis estragos em Tarancon, onde, como o leitor estará lembrado, era parocho o bom padre Samuel.

— Alli haverá miseria, lagrimas, horriveis catastrophes — pensou immediatamente Magdalena — e eu praticar a mal se retive se em meu poder um dinheiro que póde ser necessario aos pobres.

De facto, apresentou-se em Tarancon, e para que ninguem soubesse a quem se deviam agradecer os beneficios que fizesse, começou a visitar os enfermos com o nome de Lourença.

Distribuiu o seu dinheiro em poucos dias, e ignorando que sob o mesmo ceo vivia o anjo perdido no naufragio, saiu da povoação, pobre do necessario á vida, mas rica de intimas consolações pelo bem que praticára.

Caminhou todo o dia, extenuada de fome e de fadiga, comeu um pedaço de pão duro que lhe atirou com mau modo um taberneiro, seguiu avante, sem outro fim que o de afastar-se para deixar ignoradas as suas acções caridosas, e ao anoitecer d'aquelle triste dia, quando o sol desapparecera e o crepusculo envolvia com a sua claridade melancolica os arvoredos e os campos, avistou ao longe uma casa de lavoura, que desapparecia e reapparecia segundo o terreno era mais ou menos accidentado. Magdalena sentia sêde, uma sêde insupportavel que a obrigava a procurar agua. Por fim chegou á herdade.

Era já noite; mas o velado clarão da lua illuminava em parte aquelle edificio isolado e triste. Acercou-se da porta, que estava aberta de par em par. Atravessou o limiar e parou de repente. Tinha receio de entrar; os seus olhos examinavam com extranha curiosidade todos os objectos. Via um pateo muito grande, em frente um telheiro, á esquerda um poço, á direita um carro de lavoura sustentado sobre os varaes que pousavam no chão. Entrou, mas n'este momento um cão enorme saiu de entre as rodas do carro, arrastando uma grossa corrente e ladrando com furia. Ao mesmo tempo uma voz rouca e secca, voz de homem mal educado, bradou de dentro:

— Quem está ahi?

Magdalena estremeceu.

— Quem está ahi?— repetiu a voz.

— Peço uma gota de agua — respondeu com voz supplicante a infeliz.

— Fora d'aqui!

E o homem correu para o cão, resolvido a soltar-lhe a corrente.

N'este momento uma mulher chamou o homem, que voltou para dentro. A mulher appareceu e dirigiu-se a Magdalena, que lhe disse andar procurando commodo em alguma casa, que não tinha dinheiro algum, e por isso se atrevia a pedir uma gota de agua e um logar onde passasse a noite, ainda que fosse debaixo do telheiro.

A mulher enterneceu-se, impoz silencio ao homem e ao mastim, que quasi rosnavam do mesmo modo, e quando a desconhecida pretendeu ausentar-se na manhã seguinte, disse-lhe:

— Fica, se queres; se me servires bem, nada perderás.

A esperança de ganhar alguma cousa para continuar a jornada, obrigou Magdalena a acceitar o offerecimento.

O dono da casa era um bruto insupportavel: ralhava por tudo, expulsava os pobres a pontapés, e espancava barbaramonte a mulher. Magdalena oppunha a tudo isto a sua habitual humildade, soccorria os pobres diante de seu amo, e quando este batia na esposa mettia-se ella no meio dos dois e levava as pancadas que iam destinadas para aquella.

Não podemos explicar este phenomeno, mas é certo que ao cabo de algum tempo o homem não espancava a mulher, para não maltratar Magdalena, e soccorria os pobres, para que ella os não soccorresse. Apesar d'isto resmungava constantemente e ralhava a miudo. Uma tarde, um rapaz louro e agradavel appareceu pedindo soccorro, do mesmo modo que ella o pedira quando chegára, Magdalena deu-lhe cama, pão e algum dinheiro. No dia seguinte perguntou-lhe:

— Aonde vaes?

— A Madrid — respondeu o rapaz.

— Para que?

— Para buscar fortuna.

— Teus paes? Como te chmas?

— Sou orphão, e chamo-me Paulo.

— Paulo de quê?

O rapaz ruborisou se, guardou silencio alguns momentos, dizendo por fim.

— Paulo... Roberts.

Mal podia pensar a pobre Magdalena que tinha dado esmola e agasalho ao seu proprio filho! Abraçou-o, despediu-se d'elle, pedindo-lhe que lhe escrevesse. Mezes depois, o rapaz cumpriu a promessa; Magdalena abriu a carta com intima satisfação, leu-a chorando, e á pergunta de sua ama:

— Porque choras?

Respondeu com inexplicavel ternura:

— Porque já tenho um amigo.

N'uma tarde em que sahira a dona da casa, o lavrador entrou no quarto de Magdalena, dirigiu-lhe palavras de amor, fez-lhe promessas, e vendo que ella resistia, maltratau-a. Magdalena saiu para a rua, encontrou a ama no caminho, abraçou-a e disse-lhe simplesmente que se ia embora, occultando a causa, para evitar novas dissenções. A ama chamou-lhe ingrata, e viu-a partir com olhos enxutos; porém a desventurada ausentou-se com os seus banhados em lagrimas.

Como não tinha dinheiro e Madrid não estava longe, seguiu a pé. Quando já começava a desfallecer de cansaço, avistou uma carruagem que, puxada por quatro valentes mulas e fechada por cortinas de tafetá verde, avançava pela estrada. Magdalena sentou-se sobre um combro, aperrou com as mãos a fronte e murmurou:

— Não posso mais.

A carruagem continuava avançando lenlamente. Quando chegou defronte d'ella uma delicada mão correu a cortina, apparecendo em seguida uma respeitavel cabeça de mulher, coroada por duas tranças de cabellos brancos, aprisionados por uma touca preta. A senhora olhou compassivamente para Magdalena, ordenou ao cocheiro que parasse. O lacaio desceu da almofada e acercou-se da portinhola, tirando o chapeu.

— Senhora marqueza...

— Pergunte a essa pobre creatura se necessita de uma esmola.

O lacaio, variando a ordem que recebera, aproximou-se de Magdalena e disse-lhe:

— A sr.ª marqueza dos Almogávares deseja fallar-lhe.

Magdalena acercou-se humildemente, e em resultado talvez do que disse, dez minutos depois entrou na carroagem, que continuou na direcção de Madrid.

FIM DO PROLOGO.

morte, que a defeza combateu com bons argumentos, não querendo admittir o crime de traição. As eloquentes palavras do defensor não conseguiram calar no animo do conselho e José Riera, foi condemnado á morte. A sentença passou immediatameute ao auditor e depois ao general em chefe, que immediatamente a approvou.

Ao saber-se em Melilla, da triste resolução do conselho, os jornalistas, todo o commercio e muitas outras pessoas da praça, foram impetrar de Martinez Campos, o indulto do condemnado, mas o general foi inflexivel e não se deixou mover por um sentimento de piedade. José Riera, foi logo mettido no oratorio. Mostrou-se tranquillo e imperturbavel, não dando provas de estar commovido pelo triste destino que o esperava. Confessou-se e commungou com a maior devoção, mas sem n'um só instante se lhe notar qualquer desfallecimento. Fallou frequentes vezes da irmã, unica familia que possuia, e ao sahir do oratorio disse para o confessor:

— Ainda tenho nos ossos a agua que me cahiu em cima n'estas noite de emboscada. Antes eu tivesse perdido a vida nos combates com os mouros, como succedeu ao meu companheiro Meue, cujo sangue estou ainda vendo correr. A's dez horas da manhã foi o condemnado conduzido n'um carro para o forte dos Camellos, acompanhado por um sacerdote.

Em Melilla ainda se tentaram os ultimos esforços para o salvar, indo uma commissão de senhoras pedir a Martinez Campos o seu perdão, mas debalde. O general foi muito amavel para com ellas, mas negou se a perdoar. Por este tempo já Riera tinha chegado ao forte. Desceu do carro tranquillo e sereno, não se lhe notando no rosto qualquer demonstração de terror. Eis como o correspondente do *Imparcial* descreve a horrivel scena do fusilamento:

«O logar escolhido para a execução está mesmo ao pé do muro do forte, n'uma esplanada que tem o mar em frente e o forte á esquerda. N'aquelle espaço, e durante cinco minutos só ouvimos as vozes de commando que ordenavam ás companhias o batalhão de caçadores de Tarifa e as dos outros corpos, que formassem quadrado. Estes cinco minutos de preparativos solemnes, pareceram-nos um fugacissimo momento, tanto receiavamos o que estava para acontecer. Diante de nós, illuminado pela viva luz de uma manhã clarissima, como fundo d'aquelle terrivel scenario, o limpo e branco muro do forte, e destacando-se sobre elle com energico relevo as figuras de Farren e do sacerdote, com quem se estava reconciliando. Formado o quadrado e collocadas as tropas, fez-se um silencio a nada comparavel, e ouvimos clara e distincta a voz do major Ramirez, que lia a sentença. O reu ouviu-a sem pestanejar e immovel, nós com indisivel angustia. Lida a sentença, o major Ramirez, parou um momento e disse de modo, que a sua voz poude ser ouvida até nas ultimas filas, e cumprindo um preceito da lei:

— Todo o que pedir perdão para este reu, soffrerá a pena de morte.

Profundo silencio seguiu a esta intimação legal. Vimos depois que o sacerdote abraçava pela derradeira vez o reu e se affastava d'elle. Do quadrado avançaram quatro soldados do batalhão disciplinar, armados com espingardas Mauser, e designados pela sorte, porque não se tinham encontrado voluntarios, para cumprirem tão horrivel missão. Com os quatro homens avançou um official. Ouvimos perfeitamente o ruido caracteristico e secco das quatro Mauser ao serem carregadas. Aquelle ruido que nos produziu calafrios, não logrou fazer estremecer José Riera, que vimos na nossa frente ajoelhado. Embora não quizesse olhar, olhei. Ouvi a voz de fogo dada pelo official e vi que o condemnado cahia de bruços, sem que uma só contracção indicasse n'elle a passagem da vida para a morte. Os disparos feitos a quatro metros de distancia, acertaram todos no alvo. Tres balas lhe atravessaram a cabeça, vasando-lhe uma d'ellas um olho. A quarta entrou pelas costas, vasando-lhe o coração. Os medicos approximaram-se do cadaver e examinaram-n'o para comprovar a morte. Depois todas as forças desfilaram por deante do fusilado. Quatro presidiarios recolheram o corpo e levaram-n'o n'uma maca para o cemiterio. Regressei á praça com profunda tristeza, e não me envergonho de confessar que escrevo este telegramma com a mão pouco segura ainda.»

Foi este para Melilla um dia de luto. Embora o presidiario commettesse um crime que devia ser punido severamente, ninguem esperava que lhe fosse applicada a pena de morte.

Homem queimado pela mulher.—Em Champvallon. França, acaba de ser commettido um crime hediondo.

Paulo Cathelm, reconhendo a casa embriagado, a mulher encolerisou-se a tal ponto que lhe bateu muitas vezes com um pau, e como o desgraçado não tugisse nem mugisse por causa da grande porção de vinho ingerido, ella pegou n'elle e atirou-o para cima do fogo do lar, dizendo-lhe: «Já que assim o queres, has de ficar grelhado». Em seguida a esta selvageria, foi-se deitar muito descançadamente para um quarto pegado á cosinha.

Cathelin não teve forças de se levantar. Um quarto de hora, depois, seu filho, despertado pelos gritos, accudiu-lhe, mas já o infeliz estava meio carbonisado. Respirava ainda o desgraçado, e pôde explicar em poucas palavras a scena que se passára, mas succubiu pouco depois em meio de horrorosos soffrimentos. Contava 70 annos. A mulher foi encontrada agachada no espaço que havia entre a cama e a parede. Foi entregue á justiça.

O terramoto de Kachan. — Acerca do terramoto occorrido na cidade de Persa de Kachan, um despacho de Teheran dá os seguintes permenores:

O primeiro abalo, que se sentiu ás 7 horas e meia da tarde do dia 17 de novembro, destruiu quasi completamente a cidade e todas as aldeias em uma extensão de 7 kilometros. Segundo o calculo official, de 20:000 habitantes que compunham a população de Kachan, as tres quintas partes foram victimas do terramoto. Pereceram tambem cerca de 50:000 animaes. Os tremores de terra continuaram até 24 de novembro.

As tunicas de Christo.—Continua a lucta entre Tréves e Argenteuil por causa das tunicas que ambas aquellas povoações possuem e que a piedade religiosa atribue ao fundador da religião christã. A tunica de Tréves é tecida de materias vegetaes e essa de Argenteuil de materias animaes Esta ultima tem, além d'isso, algumas manchas consideradas como tendo uma origem divina, sendo indicios verdadeiros do sangue derramado por Jesus durante a subida dolorosa do Calvario. Querendo o bispo de Versailles verificar scientificamente se aquella tradição é fundada, fez cortar da tunica que se guarda na egreja de Argenteuil dois pedaços do estofo, um com mancha e o outro sem ella e confiou-os ao chimico Filippe de Lafon, que submetteu os dois fragmentos ás mais subtis e minuciosas analyses. O resultado foi que o fragmento com mancha continha crystaes de hematina, materia colorante do sangue, nada encontrando no outro. Em virtude d'esta analyse, o clero de Argenteuil vae publicar um livro em que estabelecerá que a tunica analysada é a unica authentica.

A fortuna do Papado.—Querem saber a quanto monta fortuna do Papado? Esta fortuna, collocada em titulos do thesouro inglez, representa um capital de 100 mil contos. Os fundos do Papado eram geridos pelo cardeal Manning, filho de um antigo gerente do Banco da Inglaterra; este Cardeal foi, até á sua morte, o conselheiro financeiro de Leão XIII. O Papa possue terras em Haggerton, perto de Londres, e muitos immoveis nos quarteirões pobres da cidade. E', porém, um proprietario benigno para os arrendatarios, e os locatarios dos seus predios, escolhidos entre os mais necessitados, espantam se quando, não podendo pagar os alugueis, não são expulsos dos domicilios.

A origem do titulo de cardeal.—A origem do titulo de cardeal perde-se nas primeiras epocas da Egreja. Certos bispos de dioceses perto de Roma, os padres das principaes egrejas, os principaes diaconos dos 14 districtos em que Roma se acha dividida, formavam o conselho do Papa e tomavam parte nas grandes funcções e ceremonias do ritual christão. Ha ainda 14 cardeaes diaconos: mas o numero das outras ordens do Sacro Collegio tem variado em differentes épocas até que Xisto V. fixou em 70 para todo o collegio, o do mesmo modo que Moysés escolheu 70 anciões do povo.

Noticias para os medicos.—N'uma sessão da Academia de Medicina de Paris, o sabio Labord communicou á douta associação a noticia d'alguns casos novos de cura da morte apparente pela tracção rythimica da lingua. Essas observações, colhidas ha pouco pela clinica medica em varios pontos da França, parece provarem que tal methodo de tratamento é tanto applicavel ao tétano e á éclampsia como á asphyxia. O sr. Labord terminou dizendo que os numerosos casos da cura de que tem noticia revelam superior efficacia da tracção rithimica.

Precisoidade.— O duque de York possue um jarro da China, offerecido pelo Filho do Sol, que é uma maravilha de requinte artistico e de fabuloso valor. E' todo embutido de perolas, tendo no bojo representado em diamantes o nosso systema planetario. O diamante que representa o sol é d'um valor incalculavel.

A estatura dos reis.—Um viajante que visitou recentemente a cathedral de Roeskilde, na Dinamarca, descobriu, na parte do edificio reservada aos tumulos dos antigos monarchas d'aquelle reino, uma columna em que estão marcadas as alturas d'alguns reis que alli se mediram. Um d'elles é Pedro o Grande. O czar carpinteiro não media menos de 80 pollegadas dinamarquezas, o que equivale, pouco mais ou menos, a 2 metros e 8 centimetros. Christiano 1.°, da Dinamarca, tinha a altura de 2 metros e 13 centimetros. O czar Alexandre III tem uma altura superior a 1 metro e 85 centimetros. E' cerca de 5 centimetros mais alto do que o seu sogro, o rei Christiano IX da Dinamarca.

A mulher.— Aos 12 annos, é a crysalida que espera a luz do amor para tornar-se borboleta doirada.

Aos 13 é um poema lyrico a que falta a ultima estrophe.

Aos 14 é um hymno de harpa eolia

Aos 15 é um astro, em torno do qual rodopiam a graça, a harmonia e o amor.

Aos 16 é uma estatua de madona que procura um coração de homem para fazer d'elle o seu altar.

Aos 17 é um cofre diamantino que guarda *algumas joias.*

Aos 18 é uma poetica noite de verão, illuminada pelo doce clarão das estrellas.

Aos 19 é uma flôr cujo perfume embalsama muitos corações.

Aos 20 é uma harmonia de Lamartine ungida pelo pranto de Julia.

Aos 21 é a Vesper chorando sobre o baleão de Julieta.

Aos 22 é uma lagrima da noite banhando um tumulo de virgem.

Aos 23 é um raio prateiado a serpentear por *formosas nesgas.*

Aos 24 é uma duvida e uma esperança.

Aos 25 é a alma da musica de Bellini cantada em noite de luar, mas que não encontra ouvintes.

Aos 26 é a mesma edição de um romance que teve fama.

Aos 27 é uma dhalia que ainda conserva o aroma dos salões.

Aos 28 é uma estrella que se apaga ao clarão das alvoradas.

Aos 29 é um sol coberto de nuvens.

Aos 30 é a tarde aureolada pelo manto do crepusculo.

Aos 31 é um crepusculo a confundir-se com a treva.

Aos 32 é uma lyra cujas cordas começam a partir-se.

Aos 33 é a crença religiosa á falta de crença no amor.

Aos 34 é um berço a embalar creanças.

Aos 35 é um ramo de violetas depois de tres noites de baile.

Aos 36 é uma palavra que não tem rima no diccionario dos rapazes.

Aos 37 é um evangelho a pregar contra as raparigas.

Aos 38 é o *argus* da casa.

Aos 39 é o purgatorio das sobrinhas.

Aos 40 é a cartilha do padre Ignacio.

Aos 41 é uma ponteira que aponta tudo.

Aos 42 é um ninho que os passarinhos abandonaram.

Aos 43 é a personificação da impertinencia.

Aos 44 é um ponto d'admiração em tudo o que se vê.

Aos 45 é uma lampada que não tem oleo.

Aos 46 é uma palmeira infrutifera cujas palmas vão cahindo.

Aos 47 é um album estragado.

Aos 48 é um cadafalso do prazer.

Aos 49 é uma saudade debruçada sobre uma campa.

Aos 50 é um tumulo cheio d'illusões murchas.

Commercio de passaros em Paris.—Muitos parisienses ignoram que existe em Paris um mercado de passaros, onde se realisam transacções tão importantes que attrahem a attenção dos especuladores da Hollanda e da Hespanha. E' ao longo dos dois edificios—que formam o mercado de Saint-Germain, que todos os domingos toma logar uma infinidade de gaiolas cheias de bipedes de todas as especies, desde pintacilgo e pardal até ás raças mais raras e matizadas da America. E' ahi que se encontra o famoso canario gemado—que os amadores chegam a pagar de 8 a 10 moedas o casal. O preço dos canarios ordinarios é de um a dois francos: mas, logo que tenham algum canto, já valem 1$920, 4$000 e 4$800 réis o casal.

E' sabido que o canario da Hollanda goza de muita reputação, e é muito estimado, ha já seculos, mas agora falla-se muito n'uma nova especie, que, segundo se diz, deixará no escuro a antiga e afamada raça hollandeza. Comtudo o canario do duque de Brabante (a nova raça) ainda não tem preço no mercado de S. Germain. Depois do canario segue-se o pisco, que vale 160 réis; o rouxinol já feito vale de 500 a 800 réis no inverno e de 12$ a 24$000 réis na primavera, se é bom cantor: as rôlas valem de 160 a 400 réis. Os passaros do ultramar hoje são commus, e custam muito menos que noutro tempo. Um bengali vende-se, por 960 reis.

SECÇÃO AGRICOLA

Trabalhos do mez de dezembro. — Os encaldeiramentos, que por falta de occasião não poderam ser feitos no mez anterior, podem concluir-se em dezembro, quando o tempo corra enxuto. As vinhas tratadas com sulfureto de carbone, devem ser injectadas n'este mez, empregando-se 5 grammas de sulfureto por buraco, quando haja de fazer-se tratamento reiterado, e 8 a 10 grammas quando for preciso um só tratamento. Podem surribar-se com a charrua ou com a enxada, os terrenos de encosta e de natureza enxutos, para plantar bacellos ou barbados. A surriba com a enxada é muito despendiosa, e quasi impraticavel nas grandes explorações; comtudo é a mais perfeita e que melhores resultados praticos produz. As plantações feitas nas varzeas, embora devidamente drenadas, devem antes ser feitas em fevereiro ou março, por correrem menor risco os bacellos de recozerem com as chuvas de dezembro, ou de seccarem com as geadas de janeiro. Nas localidades onde a viticultura estiver muito desenvolvida, e que por este facto escasseiem os braços, podem-se podar as vinhas de encosta, reservando para janeiro as vinhas das varzeas.

Arrancam-se os barbados e enxertos dos viveiros, e estratificam-se em areia humida, em armazens onde haja pouca luz ou pouco ar.

Nos dias chuvosos enxertam-se á mão estacas ou barbados para viveiro, que depois de enxertados se estraficam em areia, ou em musgo humedecido. A melhor maneira de fazer os enxertos é de *fenda ingleza*, apertados com rolha. A *fenda cheia*, que tão bons resultados offerece na enxertia *sur place*, está de todo rejeitada para estacas e barbados. Deve metter-se a agua nos taboleiros das vinhas inundadas.

A VIDEIRA LASCA

Um notavel trabalho sobre a viticultura do Alto-Rheno, escripto por Jeannerat, tracta de uma videira que, segundo diz, produz resultados maravilhosos na Alsacia, tanto sob o ponto de vista do vigor como de fertilidade. Esta videira que no *Ensaio de uma ampelographia universal* do conde de Rovasende, figura com differentes nomes, é muito cultivada no Alto-Rheno, principalmente entre Bâle e Mulhouse, onde é conhecida com o nome de *Lasca*. Parece desenvolver-se bem em qualquer terreno, e segundo affirma M. Lévy, que ha quinze annos introduziu a sua cultura na Alsacia, ainda não descobriu que fosse atacada pelo *mildiu*. Os cachos d'esta cepa são volumosos, de bagos redondos, com a media 14 milimetros de diametro, e é facilmente vendavel como uva de meza. Sobre a sua fertilidade, diz o mesmo viticultor, que em geral cada videira apresenta uma media de 130 a 140 cachos, tendo obtido em 2:400 pés um colheita de 100 hectolitros de vinho. Este vinho é de um grau alcoolico bastante elevado, adquirindo uma bonita côr de rubi, no fim de um anno de engarrafado. (Da *Vinha Portugueza*).

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

V

FERNANDO!

A onda suspira pela onda que d'ella se formou e que cobriu d'espuma a plaga onde morreu: eu suspiro ainda por ti, meu pobre filho morto, que déste um anjo a mais ao Sol da Eternidade! A folha cahe do tronco que d'ellas se vestia e deixa-o triste e nú, qual braço d'esqueleto; mas volta a primavera e novas folhas cobrem esse madeiro vivo, pungindo o outomno seu: tu me deixaste só, saudoso e melancholico, e a primavera passa e esta minh'alma afflicta fica viuva sempre, sempre pungindo o fel de negra solidão! Não trila a philomela, orphã dos rouxinoes que implumes lhe roubaram do seu macio ninho, essas canções d'amor que ella aprendeu do esposo; a voz da triste é grave qual orgão de mosteiro e vibra as elegias do luto só, não mais; meu pletro emmudeceu nas cordas do lyrismo e só desprende sons no funebre bordão da sua immensa dôr!!

*

Bem ouço ainda a voz do bronze que ressôa no campanario da torre, vibrando esses requebros dos dias mais solemnes: o sino d'esta terra ao povo inda annuncia as festas da Assumpção da sempre Immaculada, como ha um anno já a voz plangente e doce do sino d'outra terra annunciou tambem a mesma augusta festa em festivaes requebros;... mas que differença é hoje do dia que passou um anno antes volvido!? Não tange o sacro bronze, nas vibrações do jubilo, a terna cantilena do singular repique que eu ha um anno ouvi: esse preludio doce que veio annunciar á pobre da minh'alma que um filho meu já era um anjo de Jesus, tomando por Madrinha do seu christão baptismo a Virgem, cuja volta ao Céu d'onde partira, no mesmo dia a Igreja em breve celebrava.

Esse suavissimo requebro, esse meigo repique, esse jubilissimo preludio, esse inolvidavel tanger do sino; ai! de mim que passou por uma só vez, unica vez aos meus ouvidos, como a imagem queridissima d'essa creança passou ante os meus olhos; como passaria a sombra fugacissima de nuvem côr de prata em pego verde-escuro de lago tenebroso!

Como soará ao coração do namorado o cantico purissimo da amante apaixonada! Que eccos não levará a voz do ausente a quem vive para a saudade d'esse distante amor? Toda a melodia de orchestra humana desfallece ao pé dos sons que exprime o sentimento; e comtudo, (ó trilo singular do sino d'essa terra, ó doces cantilenas d'esse sonoro bronze!), o cantico da amante, a voz do exilado tem menos poesia e gelam se os comparo ao som d'esse repique!

Harpa eolia do meu seio, ó timbre inextinguivel da hora mais feliz do meu passado; porque não ensurdeci eu n'esse momento de plena dita, se eu já mais havia de gozar outra harmonia de mais amor?

*

Como tu vinhas formoso, ó meu Fernandinho Agábio, quando envolto nas cambraias do teu vestido branco, qual gaze de nevoeiro em pétala de roza, vagias ternamente ao regressares ao lar, após essa conquista dos louros de christão!

Com que louca alegria desmedida te não chamei a vez primeira pelo teu nome de baptismo e acheguei ao coração teu pequenino rosto!

E com que fervor religioso, prostrado ante um retábulo da Virgem, eu não alcei agradecido meu hymno de reconhecimento A'quelle que enflora os campos com mil boninas côr do Ceu, estrelleja o firmamento com mil astros côr de ouro, e enche o lar dos peccadores com anjos como tu! Bemdito sejaes, Senhor!!

E não obstante (segredos do Eterno!) qual sonho que está prestes a esvaecer-se n'alma, meu jubilo de pae ia acabar em breve!

Toda a frescura do teu corpinho, as rozas da tua face, o rubi dos labios teus, a expressiva doçura do teu olhar; tudo isso ia ser pasto dos vermes da podridão!!

E á noite não scintilla a estrella vespertina quando toldam o azul do Céu os nimbus de tempestade e abala os torvos ares a voz rouca do trovão: como hei-de eu pois sorrir, se a nuvem caliginosa da minha dôr immensa me cobre a alma de saudades e o ecco dos teus vagidos, que o phonographo da minha memoria, dolorosamente recolheu no ambito do meu peito angustiado, me perturba estrondosamente o coração?

A flôr anceia sempre pelo regresso da mariposa que um dia foi pousar na sua branca corolla, e a borboléta esperada já dorme algumas vezes nas silvas dos vallados, que as azas lhe rasgaram: eu anceio ainda por ti, ó meu saudoso amor, que eu embalei nos braços, sorrindo e descantando; e tu, como o insecto dourado dos jardins, repousas n'esse descanço da ultima morada, que dia a dia gasta teu pequenino vulto!

Se os anjos, como eu creio, são agentes invisiveis, enviados do Eterno Pae, que peregrinam custodiando os desterrados d'este exilio e espalham as doçuras do conforto ás almas desventuradas dos tristes e dos afflictos; porque não me visitas tu, meu anjo e meu custodio, nas horas da minha dôr e trazes á pobre da minh'alma, que geme pela tua, um pouco d'esse consolo celestial, que gozas perennemente n'essa Sião de Deus!

Sombra gentil, porque não adejas tu á minha ilharga, embora invisivel e sem côr, nos momentos em que te busco além no firmamento, entre os astros siderases mais cheios de fulgor?!...

*

E' hoje o primeiro anniversario do teu baptismo: é dia da Assumpção da Estrella de Judá!

Bem me lembro ainda, faz hoje um anno, da ancia afadigada de tua pobre mãe, que deixáste inconsolavel, em darte o nectar alimenticio, sangue do seu sangue; emquanto eu, orgulhoso de ti, te ouvia sorver soffregamente esse unico manjar dos teus poucos dias da existencia.

Não pode esquecer-me nunca o cuidadoso afan com que de instante a instante nós velavamos o teu somno, tranquillo como o mar em calmaria.

Como é duro agora, que o teu berço se trocou em dura táboa d'athaude, saber que de todo esse agasalho da tua meninice tens apenas o gêlo da terra e o desamparo da cova!

E' porisso que todas as manhãs, com o primeiro hymno de reconhecimento ao Creador da luz, tua mãe mistura o pranto da saudade em que a deixáste: e á noite, com a ultima prece das graças que a Deus envia, vae n'ella um pensamento ao anjo que perdeu.

Esposa querida, que eu nem me atrevo a consolar; pobre mãe desolada, sem esse thesouro do teu pequeno ser!

Pobre de mim tambem que um dia, quando a minh'alma voar para a eternidade, não terei deixado aqui a perpetuar meu nome ninguem a quem offereça a derradeira benção!

Que ao menos eu e tu, protegidos desde o baptismo por Aquella a quem a Igreja chamou *Porta do Ceu*, possâmos, além do tumulo, viver sob esse escudo a que bem cêdo, ó filho, feliz tu te acolhéste!

E até então... assim como a onda suspira pela onda que d'ella se formou e que cobriu d'espuma a plaga onde morreu: eu suspiro por ti, meu pobre filho morto, que déste um anjo a mais ao Sol da Eternidade!!!

(*Continua.*)

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arrematação acham se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não santificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

meu nome, declaro que não tive conhecimento disso, e antes todas as vezes que se fallava na restauração da Carta, me oppuz e dizia aos que fallavam n'isto, que se abstivessem de tal, porque havia ter consequencias funestas; e quando entrei para o ministerio com a condição de ser esse regimen, eu respondi que aceitava com a constituição estabelecida, porque depois de ter promettido não havia faltar á minha palavra.

O sr. *Presidente do Conselho*—Objectos de uma ordem tal como este, não se podem tratar de leve. Antes de hontem, depois de ter pensado sobre este negocio fiz convidar a minha casa o Barão da Luz, e elle disse me que s. ex.ª fôra o intermedio. (*O sr. visconde de Sá*—A minha ex.ª não — *riso.*) O sr. Barão da Luz, antes de hontem me certificou tudo quanto acabo de dizer, e accrescentou que foi em v. ex.ª que encontrára maiores difficuldades, e depois de instar muitas vezes, v. ex.ª disse—*Pois bem, já se entendeu com Julio Gomes?...*

MEMORIA HISTORICA

DO

CONDE DE AVILEZ

Jorge de Avilez Jusarte de Souza Tavares, conde de Avilez, visconde do Reguengo, par do reino, do conselho de S. M. e do supremo tribal de justiça militar, commendador de S. Marcos de Monsarás na Ordem de Christo, e da da Torre Espada, condecorado por S. M. britannica com a Grande Cruz de ouro e dous braceletes pelas campanhas da guerra da peninsula, com a cruz de ouro portugueza e com a medalha de seis commandos na mesma guerra, com a de victoria e outras por S. M. catholica, com a estrella de ouro pela campanha do Rio da Prata, tenente general dos reaes exercitos, etc. etc. etc. foi filho de Jorge de Avilez Jusarte de Souza Tavares, fidalgo da casa real, e de D. Francisco Rosa Barba de Menezes; e nasceu em Portalegre a 28 de março de 1795.

E' um longo e interessante capitulo da historia contemporanea o que em breves palavras aqui temos de concentrar, porque mais não permittem o logar e o espaço. Não tardará muito, espero, que, em tributo de amizade para com o illustre general, e em satisfação para a historia da nossa terra, se escreva mais ampla memoria de uma vida que toda se gastou em serviço da patria, e que desde seus primeiros annos tanto contribuiu para conservar ao nome portuguez a antiga reputação de valor e de lealdade que são os mais nobres de seus caracteres.

Começou o joven Avilez a carreira militar apenas completára a sua educação no real collegio dos nobres, tomando nha, Condeixa, Foz d'Arouca, Ponte da Murcella, Sabugal, Fucalhos, na batalha de Fuentes d'Onor e assalto de Ciudad Rodrigo, os seus foi os valor foram taes que o proprio ciume britannico lhe fez justiça.

Tendo commandado o seu corpo em todas aquellas acções, por ellas recebeu d'el-rei d'Inglaterra a grande cruz de commandante, e depois os braceletes de ouro pelos feitos pessoaes n'ellas praticados, e nas de Pamplona, Nyvell, Pyreneos e Nive, em que foi gravemente ferido.

Nem se distinguiu menos nas batalhas de Sauveterre, Ortez, Tarbs e Ayre commandado a brigada do Algarve.

Liberta emfim a Peninsula, vencido o inimigo commum, e voltando o exercito portuguez aos seus lares, Jorge d'Avilez, já coronel do exercito, foi encarregado do commando da força militar na praça d'Elvas.

Mal se começavam a desfructar as doçuras de uma paz que tantos sacrificios custára, quando a guerra pareceu de novo accender-se com a volta da Ilha d'Elba, e com os pasmosos successos dos *cem dias* que foram terminar na memoravel batalha de Waterloo. Apesar de cançado e exhausto, e do inquestionavel direito que tinha a descançar agora, quando tantos novos auxiliares tinham acudido *por fim* á causa da Europa, nem por isso Portugal deixou de preparar o seu contingente para este ultimo esforço. O coronel Avilez foi chamado ao commando d'uma das brigadas que deviam partir para a Belgica a reunir-se ao exercito alliado, quando a noticia da victoria de Waterloo, e da paz geral que se lhe seguiu, veio suspender a sua marcha.

Terminado assim o primeiro estadio de tão longa e aventurosa carreira militar; não parou ella todavia, nem parava o animo do joven guerreiro em quanto houvesse gloria e perigos que para alguma parte o chamassem.

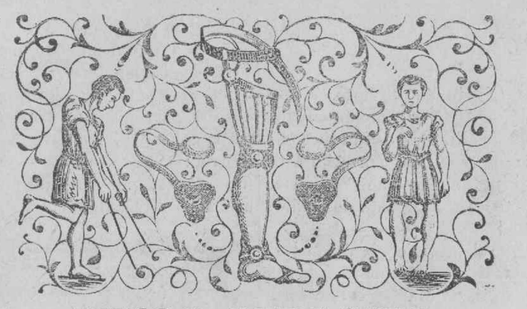
N'este mesmo anno de 1815, promovido a brigadeiro, e nomeado commandante da 1.ª brigada da divisão de *Voluntarios reaes do principe*, novamente se apresentou para entrar em campanha.

Os louros da guerra peninsular, transplantados para o

outro está hoje ausente de Portugal) souberam do que se tratava, e segundo me disseram foram os que promoveram e levaram a effeito o triste acontecimento conhecido pelo nome de Belemzada. Do qual como se deduz do que acabo de expôr eu não tive o menor prévio conhecimento. Sem embargo ainda me coube o fazer algum serviço, como se vê do decreto de 6 de novembro de 1836.

Fui com plenos poderes tratar com os deputados do povo. Estes senhores em numero consideravel reuniram-se comigo na casa do D. Par o sr. conde da Ribeira Grande, e alli pude conseguir que a nova constituição tivesse por base a Carta Constitucional e a constituição de 1822. Não embarquei, montei a cavallo e voltei para a minha residencia. Alli me achava tranquillo quando teve lugar em 1837 um movimento promovido especialmente por uma das pessoas que compunham agora a junta do Porto. O nome dos marechaes foi invocado para chamar a tropa, e ainda que nada de commum tinhamos tido com esse movimento, vendo um grande numero de nossos amigos compromettidos, sahimos a campo quinze dias depois d'aquelle movimento ter começado, não obstante o estado quasi desesperado em que se achava. Mais de dous mezes durou aquella celebre campanha, e a camara me permittirá que diga, que de todos os meus trabalhos militares, á aquelle de que mais me honro.

Os srs. generaes Barão da Varzea do Douro, Barão de Leiria, e o sr. Jervis d'Attouguia julgaram dever esperar o inimigo em Ruivães, não obstante terem a certeza de que os marechaes se lhe reuniam n'aquella tarde. Foram batidos pelo sr. conde das Antas, e d'alli se seguiu a convenção de Chaves. Emigrei, voltei para paris, e alli o sr. conde do Bomfim, então ministro da guerra, lembrando se da nossa antiga amizade, me escreveu, pedindo-me que prestasse juramento á constituição que se hia fazer, a fim de poder mandar pagar os meus soldos. Recusei-me ainda outra vez. Mas depois que duas eleições me fizeram acreditar, que a nação tinha adoptado aquella constituição, como queria e quero ser portuguez,



UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41,

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

As pessôas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR

DEHAUT

DE PARIS

não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.

5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annnnciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

VINHA AMERICANA

JOSÉ CHARTERS D'AZEVEDO, de Leiria, vende raizados e bacellos de Riparias, Resperteis e Solonis, por preços rasoaveis.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

AOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

—

ELUCIDIARIO

PARA A FACIL ORGANISAÇÃO DOS

ORÇAMENTOS E CONTAS

DAS

Camaras, juntas de parochia, confrarias e irmandades

Esta util e importante publicação, bastante volumosa pelas desenvolvidas indicações e esclarecimentos que presta, contem uma collecção magnifica de modelos para *orçamentos ordinarios e supplementares.*

Cada exemplar custa 500 réis; pelo correio, 520 réis.

Os pedidos devem ser feitos a Prença, Filhos & C.ª—GUARDA.

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

IMPRESSÕES A VUELA PLUMA

POR

ACCACIO ROZA

Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa

Este novo livro do auctor d'*A nossa independencia e o iberismo,* que tão benevolamente foi recebido por muitos dos mais brilhantes pensadores europeus, é impresso a trez côres cada pagina, formando um todo luxuoso e original.

O preço é apenas de 300 réis.

A' venda nas principaes livrarias do reino, remettendo-se tambem a quem enviar a sua importancia ao auctor.

AVEIRO—VERDEMILHO

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

DEDICADO AS BOAS DONAS DE CASA

ACABA DE PUBLICAR-SE

O CONSELHEIRO ECONOMICO DAS FAMILIAS

Obra utilissima a todas as senhoras para uso quotidiano da vida domestica.

Um volume, em brochura..... 300 réis
Com elegante encadernação em percalina..... 500 réis

Livraria Editora—Viuva Jacinto Silva

134, RUA DO ALMADA, 136

PORTO

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

prestei-lhe juramento. E fui-lhe fiel, sr. presidente, e resisti a grandes tentações.

Devo declarar que como eu tambem, o meu nobre collega duque da Terceira e a maior parte dos officiaes que nos acompanharam em 1837, não tinham prestado juramento á nova ordem de cousas.

Como sei que temos sido taxados de pouco explicitos no discurso da corôa, direi duas palavras a respeito da administração a que a tenho a honra de presidir. O ministerio está resolvido, e n'isto estou certo que será firmemente apoiado por esta camara, a sustentar á custa de todos os sacrificios, o reinado da Senhora D. Maria II, (*apoiados*) a sua dynastia, (*apoiados*) a independencia nacional, (*apoiados*) a Carta Constitucional da monarchia, (*apoiados*) e a esmagar com mão de ferro a cabeça da hydra revolucionaria em qualquer parte que appareça (*apoiados geraes*).

E não deixarei de apresentar aqui a opinião de um author francez De Meunier, que não póde ser suspeito aos mesmos radicaes, o qual sustenta—que nas grandes calamidades physicas, moraes, ou politicas, a paciencia e a moderação nos chefes populares é o melhor de todos os remedios; e sem esta moderação e paciencia, por mais conciliador e generoso que seja o governo, como póde elle deixar de lançar mão de medidas fortes para evitar a anarchia, o peor de todos os males?

O ministerio deseja que na Carta Constitucional se façam as alterações que o tempo e a experiencia tenham mostrado necessarias; mas pelo methodo marcado na mesma carta, (*apoiados*) porque nunca consentirá que um simples decreto possa alterar a lei fundamental do paiz (*apoiados*). E de passagem direi que de todos os actos da opposição o mais incomprehensivel para mim é a insistencia do decreto de 10 de fevereiro de 1842, (*apoiados*) elevando por esse modo o belprazer do monarcha e dos ministros acima da constituição do estado (*muitos apoiados*).

Mas desconheceriam acaso os individuos que hoje formam a administração qual era a enorme tarefa de que iam encarregar-se? Teriam acaso a stulta presumpção de fazerem cedeu a indignação; á indignação a coragem. Portugal levantou-se como um só homem, expulsou os seus oppressores; e os alliados e os amigos lhe voltam logo, segundo é a ordem do mundo e de suas cousas. A cidade do Portalegre é uma das primeiras a levantar o pendão da independencia nacional; organisa logo um regimento de voluntarios reaes, proclama para seu chefe o coronel Avilez, e o escolhe, ao mesmo tempo, para um dos vogaes da junta governativa que alli se erige, e que o confirma n'esse posto.

Em agosto de 1808 já encontrâmos os voluntarios de Portalegre entrando em Campo Maior a soccorrer aquella praça, e o seu bravo coronel, indo pessoalmente a Hespanha para fazer conduzir armas e munições, de que ella carecia.

O regimento fôra equipado e fardado á custa do seu patriotico chefe: incorporado d'ahi a pouco na divisão do Sul, e em marcha para Lisboa, os prets dos soldados, e os soldos dos officiaes são pagos tambem por elle.

Chegou o mez de outubro d'aquelle memoravel anno; e, reorganisado o exercito portuguez, o regimento de Portalegre tomou o nome de caçadores n.º I. Por decreto de 21 de janeiro do anno seguinte, o coronel Avilez foi nomeado seu tenente coronel.

O decrescimo na patente, e a parcialidade que algumas comparações faziam evidente, não diminuiu o ardor do joven patriota; continuou a servir com o mesmo zelo e desinteresse. Por tão nobre procedimento recebeu depois a commenda de Monsarás na ordem de Christo, em cujo diploma ficaram honrosamente exarados o generosos serviços que lhe mereceram.

D'esde então até ao fim da guerra peninsular, o nome de Avilez é um dos que mais brilham n'aquella serie de prodigios e gentilezas que rehabilitaram o nome portuguez n'este seculo, e na qual, apezar da vaidade e injustiça dos escriptores estrangeiros, e do não menos criminoso silencio dos nossos, a parte que nos compete de gloria é muito maior do que ás naturaes proporções de tão pequeno reino parecia competir.

Nas acções d'Alamoda, Cabeço Negro, Gandara-de-Mortagua, na batalha do Bussaco, em Alenquer, Pombal, Redi- o commando do regimento de milicias do Crato em 1806. Não contava mais do que vinte e um annos de idade; e logo em outubro do anno seguinte foi mandado com o seu regimento, pelo marquez d'Alorna, fazer parte da guarnição da praça de Elvas que então se preparava para resistir á proxima invasão dos exercitos de Bonaparte.

Não faltou á nação o animo, falhou parém ao seu governo a vontade de resistir áquella invasão. As causas e os meios não é este o logar de as deduzir: nota-se o facto sómente. A nação e o exercito obedeceram ao seu governo legitimo, abrindo as portas das suas praças aos invasores estrangeiros. Os seus principes fugiram-lhe, a sua nobreza desertou-lhe, os seus alliados abandonaram-nos, os seus visinhos fizeram entre si partilhas do seu territorio, e a destruição do nome portuguez parecia consummada.

Bem conheceu o general Junot, que a sujeição dos portuguezes não era voluntaria, que nem o povo nem o exercito partilhavam na cobardia da côrte e na corrupção dos cortezãos. O exercito, dissolveu-o logo, deixando apenas uma divisão que mandou para além dos Pyreneos servir ao senhor commum a quem toda a Europa obedecia; ao povo, esmagou-o com enormes tributos que, para mais odiosos serem, foram logo *repartidos em contribuição directa,* com pouco ou nenhum respeito aos haveres dos contribuintes, e só com a mira no engrossar os cofres dos exactores.

Tal era o estado de Portugal em 1807 quando chamado, pelo fallecimento de seu pai e de seu irmão mais velho, a succeder nos morgados de uma das mais oppulentas e distinctas casas da provincia do Alémtejo, Jorge Avilez se retirou indignado e despeitoso do serviço publico, então convertido em serviço dos oppressores da patria.

Pertencia áquella classe da nobreza que, na sua grande maioria, sempre fez causa commum com o povo, e tem confiança n'elle.

E o povo de Portugal não faltou d'esta vez, como ainda não faltou em nenhuma das grandes crises que teem ameaçado soverter a dynastia e o reino. A' desanimação geral suc- algum dos innumeraveis milagres de que se tem occupado a imprensa periodica? Teria eu acaso o miseravel orgulho de me julgar com os talentos e a sciencia que as circumstancias do paiz exigem? Não, sr. presidente. Eu sentia arder no meu peito um puro amor da Patria—não suffocado pelo capricho, pela inveja ou pela vingança; uma profunda convicção das nossas necessidades; e a verdadeira coragem civica para virmos apresentar ao parlamento e á nação o verdadeiro estado em que nos achamos. (*repetidos apoiados*).

O ministerio está decidido a tratar a questão economica com toda a sinceridade, franqueza e verdade (*apoiados*). Não proporemos medidas que paliando, ou fazendo desapparecer por alguns mezes o estado morbido de paiz preparem uma reapparição da molestia que decida da sua existencia (*apoiados*).

Faremos vêr com a maior clareza o estado da fazenda publica, e sem nos esquecermos de que somos uma nação independente e uma monarchia, á custa de todos os sacrificios buscaremos reduzir no anno economico futuro, a despeza, não á receita imaginaria, mas á real e effectiva (*muitos apoiados*).

Da sabedoria das camaras espera o ministerio a mais efficaz cooperação na distribuição dos sacrificios que todos teremos que fazer, a fim de que sejam geraes, proporcionaes, e por tanto justos (*seguidos apoiados*).

As questões de administração, de politica, de instrução publica e ecclesiastica serão tratadas debaixo dos mesmos principios. E quando chegue o momento de sahir do ministerio, se não tivermos obtido os elogios dos contemporaneos, recolher nos-hemos com a consciencia tranquilla, e com a persuasão de havermos administrado com sinceros desejos de contribuir para o bem da nossa Patria (*muitos apoiados.—Muito bem, muito bem.*)

O sr. *visconde de Sá da Bandeira*—Eu pedi a palavra unicamente para responder, ao que o illustre marechal acaba de dizer. Creio que s. ex.ª se referiu a 1836, antes da *Belemzada*: não tendo conhecimento nenhum do que disse o nobre marechal, passado no gabinete; e ainda que proferiu o